

167

**DESCOBRI QUEM
MATOU SEU
PAI!**



EDITORIAL

Novo ano, novo número, nova cêpa! E, como prometido, o número do primeiro bimestre saindo no segundo.

Com a anuência dos fiéis colaboradores: Manoel Dama, Henrique Magalhães, E. Figueiredo, Luiz Cláudio, Alex Sampaio, Mário Labate, Worney Almeida de Souza, Lio Guerra Bocorny, Antonio Jorge, Rod Tigre, Gaspar Eli Severino, Carlos Gonçalves, as dezenas de artigos epistolares na seção 'Fórum', ilustrações, divulgações, as 'Edições Independentes' e mais algumas coisinhas.

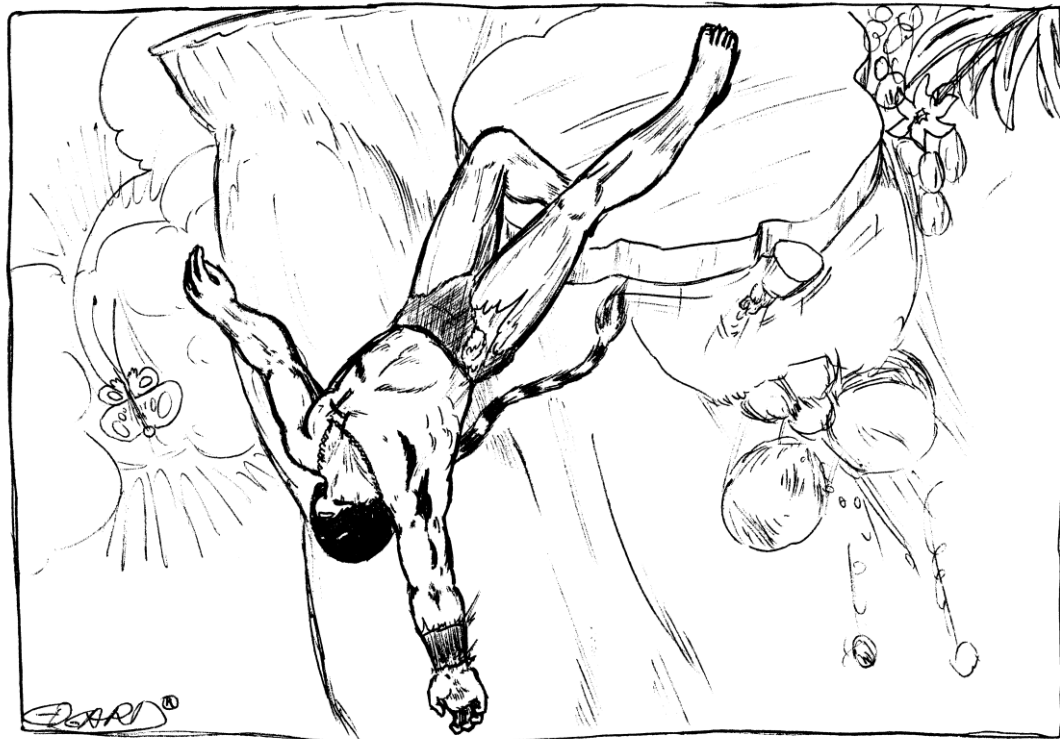
O primeiro encarte é cortesia de Francisco Dourado, o sexto número da série 'Voos n'º O Tico-Tico'. E mais um encarte, desta vez, apenas digital. Trata-se do primeiro número da série 'Brindes das Revistas da Ebal'. Maiores detalhes na página 24.

Boa leitura!

EDGARD GUIMARÃES

QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 167 – JANEIRO/FEVEREIRO DE 2021

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657 (à noite)
Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.



Mais um desenho do personagem Bi, feito na década de 1970.

O SORUMBÁTICO!

O MEU PROBLEMA NÃO É BEM SER MELANCÓLICO, CARRANCUDO, TRISTE OU TACITURNO, E SIM ACEITAR ISSO COMO UMA VERDADE INCONTESTÁVEL E CONDIÇÃO IRREMEDIÁVEL DA MINHA VIDA...

É CLARO QUE EU JÁ TENTEI ME ANIMAR E ATÉ CRIAR CONDIÇÕES MAIS FAVORÁVEIS PARA A MINHA AUTOESTIMA DEFICITÁRIA, MAS NÃO É FÁCIL...

NUMA FESTA EM 1979, POR EXEMPLO, EU QUASE CONSEGUI PEGAR UM DOCINHO NA MESA, MAS FALTOU CORAGEM. E LEMBRO

QUE NO VERÃO DE 1994 EU ESBOCEI UM LEVE SORRISO

AO VER UM BEIJA-FLOR ASSEDIANDO UM SABIÃ QUE NÃO SABIA ASSOBIAR!



MANOEL DAMA

Colaboração de Manoel Dama.

AOS OUTROS



HM 2021-1

Colaboração de Henrique Magalhães.

UM LIVRO NO DESERTO

E. Figueiredo

“Não há nada no deserto, e nenhum homem precisa de nada!” – Thomas Edward Lawrence

Certa vez nós, um grupo de amigos que costumávamos nos reunir para um chopinho, estávamos num restaurante bebendo, beliscando salgadinhos e em altas conversas. Como sempre, nesses momentos de bate-papo, conversa-se sobre tudo: futebol, mulheres, religião, política, etc. Nesse dia o assunto estava bem animado sobre literatura, cada um falando dos livros que já tinha lido, as opiniões sobre autores e críticas.

Eu ainda não havia falado nada quando um deles, de repente, apontou o dedo para mim, e perguntou:

– *Qual livro você levaria para uma ilha deserta?!*

Fui pego de supetão com a interpelação e, para ganhar tempo em responder, perguntei:

– *Por que deserta, não poderia ser uma ilha habitada?!*

A pergunta é clichê. Em rodas de conversas e até quando personalidades são entrevistadas, não é raro fazerem essa pergunta, sobre que livros levariam para uma ilha deserta. Não sei por quê, não entendi até hoje, tem de ser uma ilha deserta. Eu poderia responder ao meu amigo na hora, que seria um livro com o título **Manual de Sobrevivência no Deserto**. O que nos leva a achar que uma pergunta mais coerente seria “O que você levaria para sua sobrevivência numa ilha deserta?”.

Porém, na verdade, se fosse um livro, teria de ser um que já tivesse lido para poder apontar uma obra. Não tenho hábito de ler livro mais de uma vez. O único livro que li duas vezes foi **1984**, de George Orwell. Será que eu leria algum outro livro de novo?

Além do mais, se alguém for para uma ilha, deserta ou habitada, levando apenas um livro, o que irá fazer depois, cuja leitura pode ser feita em pouco tempo? E se a ilha for deserta, pior ainda! Provavelmente, desprovido de acomodações, subentende-se que nem casa tem. Nem ninguém para, pelo menos, conversar!

Na maioria das vezes, quem responde não cita apenas um único livro, mas vários. Alguns relacionam cinco ou dez obras literárias, que mais gostou ou que achou interessante e importante o seu conteúdo.

Meus primeiros contatos com livros foram opúsculos com estórias da carochinha. Livro mesmo foi **Caçadas de Pedrinho**, de Monteiro Lobato, que ganhei de meu Pai, motivando-me ler outras obras desse autor.

Um livro que contribuiu, sobremaneira, com a minha personalidade foi **O Homem Mediocre**, de José Ingenieros. O primeiro livro de aventuras, que também ganhei do meu Pai, foi **Os Três Mosqueteiros**. E quando eu disse a ele, ao terminar a leitura, que os mosqueteiros eram quatro, ele falou que eu não tinha entendido nada do livro.

Com o passar do tempo o meu gosto por livros enveredou para os temas suspense, policiais e ficção científica. Ficaram marcados em minha memória **1984**, de George Orwell, **Admirável Mundo Novo**, de Aldous Huxley, **A Ilha do Tesouro**, de Robert Louis Stevenson, **As Viagens de Gulliver**, de Jonathan Swift, **O Homem que Calculava**, de Malba Tahan, **A Guerra dos Mundos**, de H. G. Wells, **Fahrenheit 451**, de Ray Bradbury, **20 Mil Léguas Submarinas**, de Júlio Verne, **Um Conto de Natal**, de Charles Dickens, **Os Miseráveis**, de Victor Hugo, **O Caso dos Dez Negrinhos**, de Agatha Christie, **O Príncipe**, de Nicolau Maquiavel, **Diário de Anne Frank**, **O Pequeno Príncipe**, de Antoine de Saint-Exupéry, **Os Sinos de Nagasaki**, de Paulo Nagai. Os gibis, da década de 1940, também foram minha paixão!

Apesar de estar fora do contexto, porém não muito longe da famigerada questão, às vezes a pergunta difere um pouco: “Quais as três coisas que levaria para uma ilha deserta?” É também outra pergunta absurda. Lembro-me que alguém respondeu, entre as três coisas, que levaria um barbeador elétrico... Provavelmente, iria usar o nariz como tomada elétrica para ligar o aparelho!...

Vamos, supostamente e hipoteticamente, que a pergunta fosse: “Qual livro, que você não leu, levaria para uma ilha – habitada ou deserta?”

Eu teria dificuldade em responder, se fosse para levar apenas um, pois são várias obras que ainda gostaria de ler: **Odisseia**, de Homero, **Ulysses**, de James Joyce, **Guerra e Paz**, de Liev Tolstói, **Mrs. Dalloway**, de Virginia Woolf, **Lolita**, de Vladimir Nabocov, **Farrapo Humano**, de Charles Reginald Jackson, **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, **Dom Quixote de la Mancha**, de Miguel de Cervantes Saavedra, **Crime e Castigo**, de Fiodor Dostoiévski, **Cem Anos de Solidão**, de Gabriel García Márquez e outro mais.

E se a pergunta é feita a quem não gosta e nunca leu um livro? Vai ficar na ilha olhando para cima à procura de moscas? Sem contar, ainda, que esse alguém pode até ser analfabeto...

Mas não deixa de encaiffar o fato de alguém querer saber que livro levaria numa viagem...

– *Qual livro você levaria, cara?!* – o amigo, batendo no meu braço, me assustando e perguntando novamente, interrompendo-me nos meus devaneios!

– *Levaria papel e caneta para escrever o meu livro...!*



QUARTA DO JARDIM



FALTOU ALGUMA COISA...



POLÍTICO X TRABALHADOR!!



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

GIBIS PERDIDOS NO TEMPO

GIBI DO INTERNACIONAL VIRA ITEM DE COLECIONADOR

Alex Sampaio

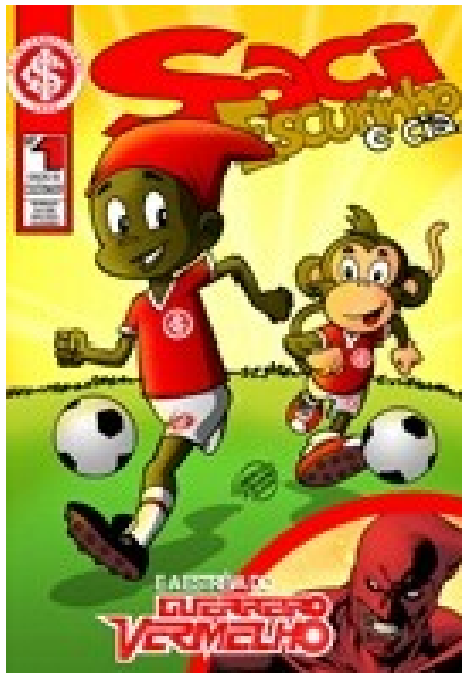
Em 2012, o Clube Internacional do Rio Grande do Sul distribuiu para os seus sócios torcedores entre 0 e 12 anos, gratuitamente, o nº 1 da revista em quadrinhos **Saci Escurinho e Cia.**

A iniciativa fazia parte do projeto Sócios Coladinhos, onde o clube de futebol pretendia fidelizar torcedores e transformá-los em consumidores.

A publicação tinha uma ideia de ser bimestral, onde trazia histórias que giravam em torno do universo do futebol e da trajetória do Internacional. Para as crianças menores, havia quadrinhos com o Saci, o mascote do clube, e sua turma. Já para os pré-adolescentes, foram criadas tirinhas com o super-herói Guerreiro Vermelho. Os desenhos eram de autoria do cantor Thedy Corrêa, da banda gaúcha **Nenhum de Nós**, torcedor e colaborador de ações do clube.

O setor de marketing do Clube da época tinha como objetivo estreitar o relacionamento dos pequenos com o Internacional e gerar uma nova fonte de renda. A meta com a revista em quadrinhos era transformar os leitores em futuros consumidores, já que o Clube estava licenciando vários produtos.

Na época o gibi foi custeado pelo Internacional e uma revenda de automóveis da Fiat de Porto Alegre. Esta edição da revista passou a ser muito cortejada pelos torcedores do Clube, que desejam colocá-la como item de colecionador.

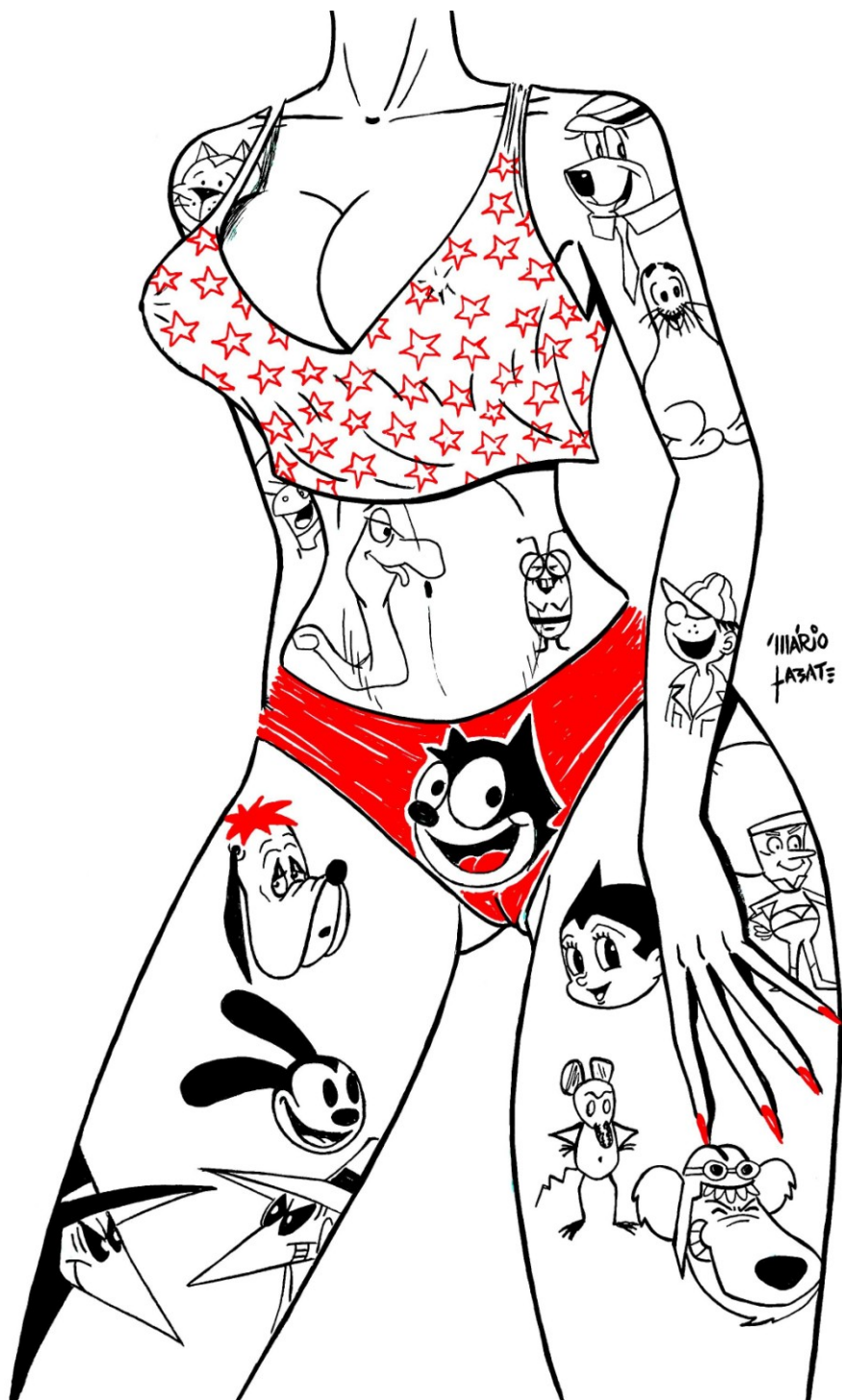


Notícias sobre HQ???

Acesse

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo de informações sobre quadrinhos



Colaboração de Mário Labate Santiago.

FÓRUM

LUÍZ CLÁUDIO LOPES FARIA
São José dos Campos – SP

Recebi o **QI 166** e destaco os desenhos de Mário Labate Santiago, ‘Maria’ de Henrique Magalhães, ‘O Gibi Raro da Magali’ de Alex Sampaio, ‘Fórum’, que é uma aula, ‘Edições Independentes’, ‘Mantendo Contato’ de Worney Almeida de Souza, o texto ‘Edição de Natal do Gibi’ de Lio Guerra Bocorny.

Espero que 2021 seja muito melhor que o anterior, pois não foi fácil. Pandemia mundial, crise política, corrupção galopante, fortalecimento a aparelhamento das criminosas milícias, tragédia ambiental, deforma da previdência e deforma trabalhista, enfim! Tomara que 2021 seja melhor (apesar de todas projeções negativas).

LIO GUERRA BOCORNY
Florianópolis – SC

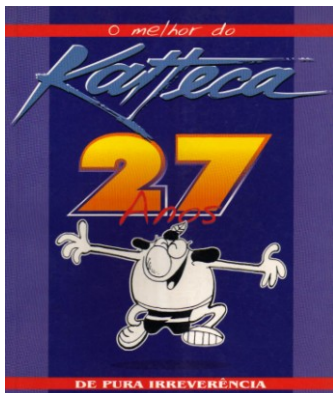
Recebi o **QI 166**, a capa genial seguindo a mesma originalidade estabelecida nos últimos números. Ideias que só podiam partir de um Engenheiro engenhoso.

Este último fanzine apresenta artigos ecléticos e interessantes em sua totalidade. As cartas do ‘Fórum’, todas reveladoras e consagrando o **QI** como o maior expoente dos aficionados em quadrinhos do Brasil e de Portugal. Isso não só opinião minha, mas unânime dos 70, bem reforçada pelo Edson Rontani Júnior, que nasceu e se criou em meio aos quadrinhos e hoje espalha a mesma felicidade que seu ilustre e saudoso Pai legou ao país através de seu acervo e de seus fanzines, dando-lhe o merecido título de “Pioneiro”. Ele afirma que teu **QI** é a Prata da Casa.

PAULO JOUBERT ALVES
Belo Horizonte – MG

Estou enviando matérias sobre HQs publicadas em jornais mineiros de 1997 a 2003. Resolvi passar adiante para meus correspondentes. Veja se lhe pode ser útil.

Minhas contribuições para HQs Institucionais desta leva estão fracas. Achei um cartão telefônico do personagem de tiras de jornal, Katteka. O autor, João Luiz Brito de Oliveira, foi jornalista e depois trabalhou com esta tira por 5 décadas no jornal **O Popular**. Foi demitido há mais ou menos 2 anos.



Livro **O Melhor de Katteca**, lançado em 2000, comemorando 27 anos de publicação no jornal **O Popular**, de Goiânia.

JÚLIO SHIMAMOTO
Rio de Janeiro – RJ

Bom início de ano, caro Edgard! Sobre o **QI 165**:

Capa significativa, pende para denúncia e não humor. ‘Maria’, de Henrique, sempre irreverente. Mário Labate, literalmente afiadíssimo. ‘Gibis Perdidos no Tempo’, bem lembrado, caro Sampaio. Luís Faria e seus cartuns sinceros. ‘Os Palhacinhas Brasileiros’ de Bocorny fez-me lembrar que no meu começo desenhei HQs de Arrelia & Pimentinha e Carequinha & Fred.

No ‘Fórum’, destaques para Yudenitsch, Dourado, Quiof e Rod Tigre. Já Carlos Gonçalves fez lembrar-me que desenhei duas aventuras de ‘Carga Pesada’ (uma não saiu), mas não estava na edição impressa que nunca foi distribuída (teria esta sido desenhada por Flavio Colin?).

Destaque para ‘Mantendo Contato’ do Worney, que prepara um livro sobre o saudoso Lyrio Aragão. Muito rica e diversificada a coleção de capas de Gaspar.

Muito interessantes ‘Zoim’ e Treisdê’ (lembro-me que as revistas traziam encartados óculos de cartolina com visores de plásticos vermelho e verde).

Belo encarte **O Gibi Esquecido**, de Carlos Gonçalves. Parabéns, Edgard, por mais este número prazeroso!

Obrigado pelos comentários, vão sair no “QI” 167, porque o 166 já estava pronto quando recebi seu email. Coloquei no correio no começo da semana e já acendi as velas.

Pelo que fiquei sabendo, o terceiro número de “Carga Pesada” foi mesmo com trabalho de Flavio Colin. Eu não tenho esse número, não saiu em banca. Uma pena que o leitor comum, aquele que frequenta regularmente as bancas (e que sustenta as editoras) não tenha tido acesso a essa edição. E pena também que a sua segunda história nem tenha sido editada.

Em atraso, umas palavrinhas sobre o **QI 166**.

Capa instigante como de hábito. Destaque para Mário Labate e seu Franken apaixonado. ‘Maria’ de Henrique, mordaz como sempre. Boas ilustras de Manoel Dama. Destaque para ‘As Três Árvores’ de E. Figueiredo. Não sabia esse lance de ‘O Gibi Raro da Magali’ (Alex Sampaio). Luiz Faria alegre o **QI** com suas tirinhas. ‘Fórum’, imperdível seção de memórias e debates. Muito bom falarem do saudoso mestre Antonio Euzébio. Papai não era fã de quadrinhos, mas sempre me trazia **Epopéia**, cujas capas de Euzébio me faziam babar.

Destaques para ‘Mantendo Contato’ (Worney) e ‘Edições de Natal do Gibi’ (Lio Guerra Bocorny). Destaque para ‘Homenagem a Jodil’ (Rod Tigre). Destaque para as artes de Edgard da 3ª e 4ª capas.

É isso, amigo, valeu muito e grande abraço!

MÁRIO LABATE SANTIAGO
São Paulo – SP

Acabei de receber o **QI 166**. Como sempre adorei a capa. Você está se tomando um expert nesse quesito. Muito obrigado por divulgar meu Sketchbook, e também por ter feito o texto da contracapa.

Adorei a matéria do Alex Sampaio (‘Gibis Perdidos no Tempo’) sobre o gibi raro da Magali. É difícil imaginar nos dias de hoje uma segunda tiragem de 500 mil exemplares! A ‘Maria’ do Henrique Magalhães sempre genial! Ficou legal o desenho do John Lennon feito pelo Manoel Dama.

A seção ‘Fórum’ é a minha preferência! É a primeira coisa que leio quando recebo o **QI**. Sensacional a ‘Edição de Natal do Gibi’! Nunca consegui um exemplar dessa publicação. Dia desses encontrei um número de **O Tico-Tico** num sebo aqui em São Paulo. Fiquei extremamente feliz! E paguei apenas R\$ 5,00.

Eu também não tenho exemplares do “Gibi”, do “Suplemento Juvenil”, do “Globo Juvenil” e outras revistas mais antigas. São muitos números, difíceis de conseguir e muito caros. E, ao contrário do que se pensa, não são muito procurados. O valor que você pagou é o valor justo. Quem tenta vender essas revistas por R\$ 100,00, R\$ 200,00, está num universo alternativo.

Viver é matéria da esperança apesar de tantos pesares na trajetória. Como ensina Clarice Lispector (10/12/1920 – 9/12/1977), não viver é o nosso drama, é o arrastar-se pesado e triste, mecânico, que dura sem durar. E para deslindar-se são fundamentais a esperança e os exercícios dos sonhos. A pandemia piorou o nosso estado de distopia, anomia, confusão, medo e desesperança. O país enfeou-se ao excesso sob o crivo mortuário do fascismo governista. Estamos numa contínua socialização do abandono, aonde a maioria da população luta mais que acelerada e arduamente pela sobrevivência, combatendo, além da letalidade do vírus, também a ganância, incompetência administrativa, a corrupção galopante, o descaso público, o negacionismo, a hipocrisia, a violência contra mulheres, LGBTs, negros e indígenas, os incêndios da floresta amazônica e no pantanal, o empobrecimento e a servilidade dirigidos aos trabalhadores. O período de pandemia acentua a necessidade de similar comportamento, o que deve ter sido a causa que inspirou Giovanni Boccaccio (16/6/1313 – 21/12/1375) a escrever o clássico **Decamerão**. Para fugir dos efeitos devastadores que a peste negra disseminava nas cidades europeias, um grupo de jovens formado por sete moças e três rapazes refugiaram-se em um castelo situado na vizinhança de Florença. Sob o reinado de Pampinela, primeira rainha eleita para liderar o grupo, passaram a conviver divertindo-se e narrando novelas diárias, as quais denunciavam os hábitos culturais, morais e éticos da época envolvendo a realeza, a burguesia e o clero.

No momento atual, nas ruas e nas praias pessoas tentando resgatar a liberdade perdida; máscaras despregadas, abaixo do queiro, ora encobrindo, ora expondo partes do rosto. Pessoas aos montes, correndo atrás da mobilidade proibida, circulando livremente como se o vírus também tivesse tirado férias. Tudo isso porque o prolongamento desta quarentena tem exigido graus de suportabilidade incompatíveis com a tolerância humana.

Tem sido insuportável viver e ainda mais conviver. Contudo, o profundo sentido de se estar vivo repousa na ética da coexistência entre humanos garantindo a permanência na Terra. Temos fracassado em nosso compromisso ancestral do cuidado consigo e com o outro, admitamos.

Ser e pertencer são a alma das palavras de Clarice Lispector, uma teórica que nos ensina que vai pôr um anúncio em negrito: precisa-se de alguém que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está mais contente que não pode ficar sozinha com a alegria, e precisa reparti-la.

Clarice chegou ao Brasil com quase dois anos de idade, como refugiada de guerra, judia, no Nordeste, crescendo como pernambucana e perambulando pelo Brasil. Sua inadequação sócio existencial, os traumas familiares sofridos pela perseguição antisemita, as recorrentes violências da guerra na região da Ucrânia, o lugar de seu nascimento, fizeram a escritora brasileira uma literata filósofa empenhada em sentir as tramas complexas da ontologia das coisas que afetam a nossa condição humana. A literatura de Clarice sempre esteve descolonizada, rompendo com as fronteiras das nações, pertencendo à identidade nacional brasileira, ao mesmo tempo tratando de questões sobre temas vitais para a antropologia, como o nosso pertencer para nós e para o outro.

E, sendo assim, bêbados pelo equilíbrio, nos cabe pensar o humano nos limites vastos do nosso talento e dentro das possibilidades históricas e sociais de nossa existência. Que o ano de 2021 seja transformador, o rasgo certo na cara das estruturas racistas e patriarcais, ou continuarão a chorar “Marias”, representando mães, esposas, filhas, irmãs, amigas, namoradas que perderam seus entes queridos, e “Clarices”, representando Clarice, viúva de Vladimir Herzog, o Vlado, e outras, morto dentro das dependências do DOI/CODI/II Exército, porção da ditadura, mais um dos casos de “suicídio” por enforcamento, em 25 de outubro de 1975.

Que haja a prosperidade da alma em comunhão com o bem-estar do corpo.



Colaboração de Cosme Custódio.

MANOEL DAMA

Aracaju – SE – manoloimacedo@yahoo.com

Os dias tumultuados parecem estar acabando. O trabalho continua muito, o dinheiro é pouco, mas vamos sobrevivendo. Queria fechar o ano com o lançamento de uma nova publicação, a **Deziro**, e você é o primeiro a receber. Na verdade eu fiz quase toda essa edição em 2019, mas as tortuosidades da vida foram empurrando tudo e agora, aproveitando algumas noites de insônia, consegui revisar um pouco mais e completar as matérias que faltavam. Espero sua opinião e divulgação, se possível. Vou distribuir por email para os interessados, conforme seja solicitado.

Ótima revista digital, também disponível para download no sítio www.marcadefantasia.com.

JOSÉ MAGNAGO

Cachoeiro de Itapemirim – ES

Recebi o excelente **QI 166**, que, como todos os anteriores, está superótimo, acompanhado do também excelente suplemento ‘Os Primeiros Super-Heróis do Mundo’, também como todos os suplementos anteriores.

Triste fiquei com a notícia do falecimento do amigo Jodil, uma pessoa muito legal, de quem eu recebia o **Fã Sim**, fanzine com muitas informações sobre HQs, e ele também desenhava quadrinhos.

Veio junto ao **QI 166**, a **Cripta**, que achei muito legal. Todo o **QI 166** está ótimo. Mais uma vez, parabéns.

Envio em anexo o **Devoradores de Gibis 23**, de abril de 2016, que você já tem. Dê para algum leitor que goste do fanzine.

O “Devoradores de Gibis” 23 é dedicado ao E. Figueiredo, colonista aqui do “QI”, trazendo sua crônica sobre o Capitão Marvel, um de seus heróis preferidos, além de muita ilustração sobre toda a Família Marvel.

O seu **QI** chegou, e como foi expedido do Brasil em 3 de novembro, levou dois meses e meio para ser entregue. Mas o que é importante é ter chegado sem se extraviar. Na situação em que o mundo se encontra com tantas baixas, temporárias e definitivas, é uma sorte que os serviços funcionem ainda.

Mais um surpreendente número, o 165, cheio de interesse e bem estruturado. Começemos pela capa, que tem tudo a ver com a situação atual, embora tenha sido uma obra sua de 1980. A ordem para parar o “motor” que mantém a suspensão, assemelha-se à necessidade atual de fechar tudo quanto possa motivar a propagação do vírus, e por isso a engrenagem de “vasos comunicantes”, que é como a nossa sociedade funciona, vai deixando cair os que dependem uns dos outros, em cadeia. E a ordem neste caso vem do “rei vírus” que passou a ditar todas as imposições, de defesa e de ataque. Muito bem aplicado.

Interessante o cuidado de preparar a edição digital, de modo a que esses leitores possam usufruir da piada apresentada na edição em papel. Parabéns.

E com todas as contingências consegue incluir o tradicional encarte, mais uma pérola para o grande colar formado já com os muitos encartes do **QI**.

Quem é o autor do retrato do Carlos Gonçalves? É ele mesmo, e ali está, o grande colecionador de edições, compulsivo como ele próprio diz, e que consegue ter tudo organizado para poder usar na hora. Um mimo!

O ‘Fórum’ continua a ter a nota máxima do fanzine, pois transforma-se num manancial de informação e debate. Tenho apreendido muito nessa seção. E coisas boas.

Quando a colaboração de Millôr Fernandes era publicada no nosso **Diário Popular**, eu não perdia uma, pois sempre fui fã. Na altura pensava que ele residia em Portugal. Esse convite do jornal ao Millôr Fernandes teria sido intencional para o ajudar, ou foi mera coincidência? Que bom!

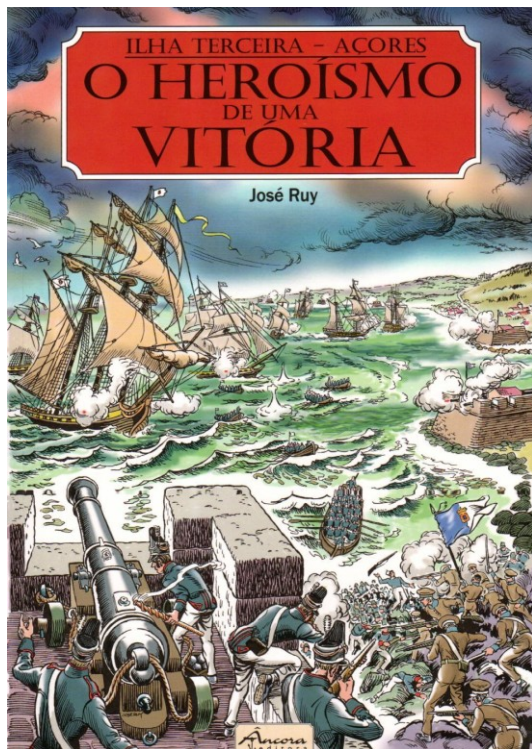
Muito bom receber seu email, com os comentários, as apreciações. Você enxerga as coisas além das aparências, desvenda os significados ocultos, o que demonstra o cuidado com que faz a leitura. Infelizmente o atraso na chegada do “QI” 165 às suas mãos fez, com que seu email chegasse depois do “QI” 166 impresso, por isso não aparecerá no ‘Fórum’ deste número mas sairá no 167.

O artigo sobre Millôr Fernandes tinha um pouco mais de informação, eu não publiquei tudo. Mas a contratação de Millôr pelo jornal “Diário Popular” teve a intermediação de um jornalista português (Baptista Bastos), que era amigo de Millôr e sabia de sua demissão da revista “O Cruzeiro”. Houve até uma passagem que omiti por achar inconveniente. Mas o artigo do jornal dizia que o “Diário Popular” tinha em mente a contratação de outro cronista brasileiro, nome conhecido na época, mas que ele compareceu bêbado à redação do jornal, aí o jornalista amigo de Millôr conseguiu convencer o “Diário” a optar por ele.

Seguiu pelo correio o exemplar do livro **O Heroísmo de uma Vitória**. Ao regressar ao ateliê, tinha no receptáculo o seu **QI** 166. Tem carimbo de 5 de janeiro, o que não é mau em termos de demora no transporte. Está a melhorar. Apresso-me a dizer que envie o livro e vou agora debruçar-me convenientemente no fanzine, ver com toda a atenção merecida. Para já, vejo que na capa a noite entretanto caiu durante a rusga.

Fico feliz por ver a sua diligência e aplicação, a sua coragem em manter vivo este importante **QI**, com encarte e tudo.

Recebi esta semana o álbum que me enviou, “O Heroísmo de uma Vitória”, muito obrigado pela lembrança e pela gentil dedicatória. Você conseguiu mais uma vez produzir um belo trabalho. O tema da História foi muito bem escolhido. Aparentemente um episódio secundário, que teria relevância apenas para a população local, mas que definiu o destino de todo o país. O desenvolvimento da narrativa também é elogiável, intercalando os acontecimentos das altas esferas, as batalhas, os acordos, as alianças, com o dia-a-dia dos soldados e camponeses.



E com duas histórias dentro da História, os acontecimentos que antecederam o episódio, e a lembrança da Batalha de Salga. Tudo muito bom. Parabéns.

Lembro que você comentou sua solução de fazer os álbuns com menos páginas, cerca de 30, como este, e me parece uma solução acertada. Embora o tema permitisse o desenvolvimento em muito mais páginas, a condensação em três dezenas mostrou-se do tamanho certo. É uma leitura que se faz com prazer e interesse, além de cumprir um dos objetivos principais da obra, dar a conhecer um episódio de tal importância da História de Portugal. Novamente parabéns.

Muito grato e honrado pela apreciação “cirúrgica” que faz ao livro **O Heroísmo de uma Vitória**. Para mim a sua opinião funciona como um barômetro em relação à intensão como fazemos o trabalho e maneira como é interpretado pelo público.

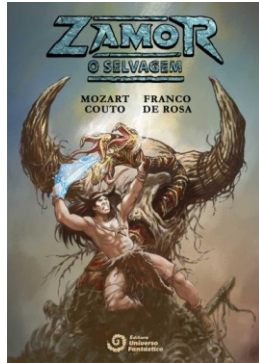
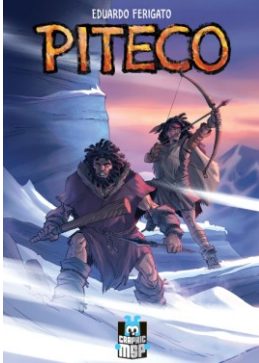
Aqui em Portugal vão rareando críticos que se debruçam sobre estas obras e façam uma apreciação séria, pois foram desaparecendo os especialistas que existiam, o Gerales Lino, o Jorge Magalhães, o Jorge Machado Dias, o Carlos Pinto Coelho (era da RTP) e resta no BDBDBlogue o Carlos Rico e o Luiz Beira, este já um pouco debilitado fisicamente. Por isso aprecie a suas observações.

Estes trabalhos vão surgindo em forma de desafio, continuo a aceitar enquanto tiver saúde que o permita fazer, já que se impõe a deslocação aos locais para a pesquisa, falar com pessoas que muitas vezes mantêm uma tradição oral, que permite criar enredos e argumentos para envolver a carga histórica.

No entanto tive agora, recentemente, outro desafio de outro editor, para retomar uma série que abordei primeiro em 1950, depois em 1999 e embora tivesse sido publicada em revista, não tivera oportunidade de ser reunida em livro. Estou a trabalhar nesse projeto, com os originais novos para sair em maio próximo. Vamos ver.

Por isso não lhe enviei ainda as minhas observações ao número 166, que têm que ser feitas honestamente e com cuidado.

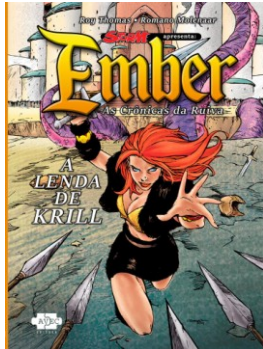
Curiosamente, após falar do Piteco, em dezembro, a MSP anunciou outro álbum pelo Eduardo Ferigato, ainda sem título (primeiro divulgam uma arte, chamada teaser, mas que não é a capa).



No Catarse, a editora Universo Fantástico colocou um financiamento de **Zamor, O Selvagem** do Franco de Rosa. Além de republicar as histórias da Grafipar, tem uma nova história pelo Mozart Couto. A campanha foi muito bem e bateu a meta de R\$ 20.000,00.

Quanto à revista **Memo** do Toni Rodrigues, ela foi disponibilizada para download há alguns anos, mas o site saiu do ar. O Toni sempre pensou em fazer edições impressas, então surgiu a oportunidade pela Criativo. Segundo ele, era para ter saído antes, mas a pandemia atrasou. Inclusive, devem ter mais edições inéditas.

Em 2016, a AVEC Editora do Artur Vecchi (filho do Lotário Vecchi) publicou **Ember – A Lenda de Krill**, escrita pelo Roy Thomas e desenhada por Romano Molenaar. Trata-se de uma série derivada de **Storm** de Don Lawrence, mostrando a Ember (ou Roodhaar, ruiva em holandês) antes de conhecer o Storm. Esse era apenas o primeiro álbum da série. Os quatro seguintes tiveram roteiros do holandês Rob van Bavel (editor e fundador da editora Don Lawrence Collection e também editor-chefe da revista **Eppo**) e desenhos de Molenaar, mas aqui só teve esse primeiro volume.



Em janeiro, a revista **Aventuras Disney** nº 22 traz uma história do Zé Carioca pelo Gérson Luiz Teixeira, que há 20 anos não escrevia histórias da Disney brasileira. Sua última história Disney foi uma do Professor Pardal publicada em 2007 na Holanda (mas continua inédita aqui). Desde então ele vinha produzindo história da Turma da Mônica. Os desenhos são do Luiz Podavin.

Mercêcia a homenagem do Rio Fantastik ao Júlio Shimamoto. Recentemente a gibeteca Lambiek em Amsterdã, Holanda, atualizou a bibliografia dele no site.

Em 1º de janeiro deste ano, as obras de J. Carlos, Rafael Sabatini e Edgar Rice Burroughs entram em domínio público no Brasil. Já que eles morreram em 1950, a lei diz que o domínio público ocorre 70 anos após a morte do autor, mas só passa a valer em 1º de janeiro do ano seguinte aos 70 anos. A data até ficou conhecida mundialmente como Dia do Domínio Público. Muitas editoras devem pegar as traduções de Tarzan por Monteiro Lobato. Isso aconteceu com o **Livro da Selva** de Rudyard Kipling.

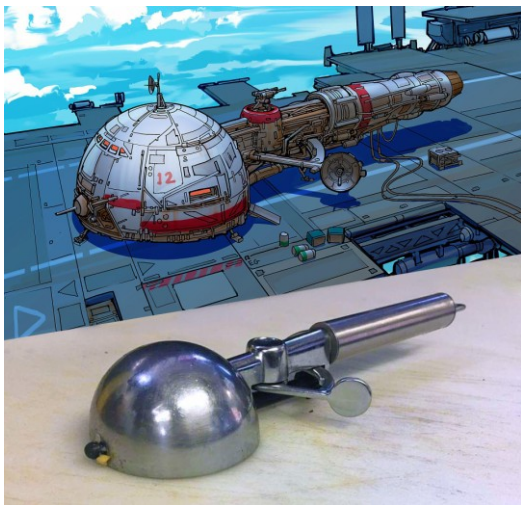
Em 2017, estreou a série animada **As Aventuras de Fujiwara Manchester**, criada por Alê Camargo. Ele criou a série na adolescência como uma obra literária. O primeiro conto foi publicado na edição 55 (janeiro/fevereiro de 1992) do fanzine **Somnium**, do Clube de Leitores de Ficção Científica (o famoso CLFC). A edição pode ser baixada no site oficial do fanzine. A sinopse no site da TV Brasil diz: “**As Aventuras de Fujiwara Manchester** é uma ficção científica que acontece no século 27, sobre um aventureiro espacial que precisa recuperar uma joia antiga que pode provocar a destruição da galáxia. Para isso ele vai ter que lutar com um terrível inimigo e com a equipe do governo que também ambicionam o artefato.” A série já teve um filme compilando episódios, mas terá um outro filme chamado **Mundo Proibido**.



Na internet, li sobre dois artistas bastante criativos. Um é o animador francês Thomas Romain (que assina como @thomasintokyo em várias plataformas), que mora no Japão e é influenciado pelos animes, tendo trabalhado em animações francesas e japonesas. Em 2017, ele pegou desenhos dos filhos (na época com 8 e 10 anos) e refez no traço dele. Depois de ser amplamente divulgado, publicou num livro, **Traits de Famille: Le Bestiaire Fantastique d'un Père et de ses Fils** (2018).

O outro é o ilustrador americano Eric Geusz (que usa o apelido @spacegoose em várias plataformas), que pega objetos comuns do dia e usa como inspiração para criar máquinas de ficção científica.





Classificação de Produtos/Serviços		Especificação Sub-Classe Nacional	
Classe Nacional	Sub-Classe Nacional	ERRO - CÓDIGO DE PRODUTO / SERVIÇO : 99	
11	99		
Titulares			
Nome		EDITORA BRASIL AMERICA EBAL S A	
Titular(1):			
Representante Legal			
Nome		NÃO DEFINIDO	
Procurador:			
Datas			
Data de Depósito	Data de Concessão	Data de Vigência	
17/06/1999	17/06/1969	17/06/1969	
Petições			
Fig	Protocolo	Data	Impr
			Serviço
			Cliente
			Delivery
			Data
Publicações			
RP	Data RPI	Despacho	Certificado
			Instit
			Tip
1059	19/03/1991	700	-
			ITEM 1 DO ART. 93 DO CPL INT.PAULO C. OLIVEIRA & CIA
Complemento do Despacho			
Dados atualizados até 02/02/2021 - Nº de Revisão: 2613			

ALEX SAMPAIO Salvador – BA

Comunico o recebimento do **QI 166**, em mais uma edição de tirar o chapéu. Parabéns! O **QI** continua evoluindo sempre e, com essa dinâmica, nós leitores é que ganhamos. As capas continuam sensacionais. A criatividade está impecável. Sem dúvida tornou-se o supra sumo do seu trabalho. Os encartes deram charme e grandeza a este número.

As tiras do Henrique com sua personagem Maria são fundamentais, e devem continuar. Engrandece o início da nossa leitura nas mais de 30 páginas do fanzine.

Na página 6, Figueiredo nos presentearia com seus artigos saudáveis. Sem dúvida, o pinheiro se tornou o símbolo de árvore de Natal. As tirinhas do Luiz Cláudio já fazem parte da jornada do **QI**. Acompanho seus trabalhos em todas as edições. Sempre com humor hilário.

O nosso ‘Fórum’ cresce a cada número. Vemos que os leitores gostam de participar com suas opiniões. Para o editor, é fundamental essa participação. Através das análises dos leitores, o fanzine busca evoluir, mudar e aprimorar.

O Quiof Thurl nos brindou com um banho de informação na sua participação no ‘Fórum’. Com imagens e embasamento, trouxe detalhes sensacionais. Enfim, dados e conceitos que não encontramos em nenhum jornal nos dias atuais.

O Rod Tigre continua trazendo textos incríveis. De fato, Angelo Agostini, segundo dados, usou Mercúrio em ilustrações. Na lembrança de Gustavo Barroso, nos fez lembrar de um escritor que mais produziu no Brasil, entre contos, romances, poesias, ensaios, crítico e um estudioso em xilogravura, caricatura e histórias em quadrinhos. Um Mestre! O Rod nos levou a essa lembrança em momento oportuno.

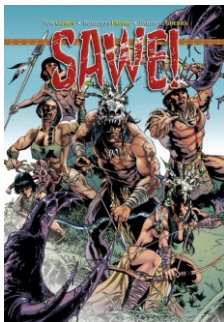
O Worney trouxe curiosidades interessantes em histórias da turminha. Detalhes que passam despercebidos dos mortais leitores e somente lentes detalhistas como a do colunista conseguem ver. Porém, na tirinha do Nimbus, todos conseguem ver que o personagem está fora do peso...

GASPAR ELI SEVERINO Brusque – SC

Felizmente continuo a receber o **QI** em dia, mas sei que os Correios estão com dificuldades enormes na entrega da correspondência em nosso país. Isso é muito grave, considerando que os Correios sempre foram um símbolo de confiabilidade entre os brasileiros, de norte a sul. Agora isso acabou, sei que em muitas cidades, quem quiser a correspondência tem que se dirigir a um Setor do Correio para retirá-la, em horário estabelecido. E a qualificação dos carteiros caiu vertiginosamente, despencou, como se diz. Estamos regredindo, infelizmente.

Gostei muito do **QI 166** e dos encartes. O ‘Gibis Perdidos no Tempo’ do Alex Sampaio continua a surpreender, como as matérias dos quadrinhos que constam nesse número.

O Tom Gomes está com dois projetos inspirados em índios. No Reino Unido, está publicando a HQ **Sawe** pela Markosia Enterprise. A equipe é formada por Tom Gomes (roteiro), Ronilson Freire (desenhos) e Fabrício Guerra (cores). É uma história pré-cabralina mostrando o conflito entre marajoaras e tuçujus. E no Catarse está com um esquema de assinatura com quadrinhos feito para esses assinantes, começando com **Sumá**, sobre uma guerreira icamiaba que protege as florestas de grileiros e garimpeiros inescrupulosos, escrita por Tom Gomes e desenhos de Fabrício Guerra. Icamiba seriam as lendárias amazonas indígenas que o espanhol Francisco de Orellana teria encontrado, daí o nome Amazonas para o rio e o estado.



O mercado está passando por mais uma crise. No final do ano passado, saíram notícias sobre escassez de plástico, papel e papelão e já estão falando que podem afetar até mesmo os livros e quadrinhos. Há quem diga que em março isso pode ser normalizado.

Sobre a **Edição Maravilhosa**, a Ebal chegou a usar o nome **Clássicos Ilustrados da Literatura Brasileira** em 1982, que republicou algumas adaptações da **Edição Maravilhosa**. Pesquisei a marca Clássicos Ilustrados no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) e vi que foi registrada pela Ebal em 1959, mas somente concedida em 1969 e encerrada em 1989. De acordo com o Guia dos Quadrinhos, no ano seguinte a Abril iniciou a coleção dela, baseada nas adaptações da First Comics. A da First foi lançada de fev/1990 a jun/1991, a da Abril foi de nov/1990 a fev/1992.

Há alguns anos, procurando pelo nome “Clássicos Ilustrados” no site Estante Virtual, encontrei grande número de livros de literatura brasileira com essa denominação. Não eram HQs e sim romances que tinham ilustrações. Daí eu deduzir que o nome Clássicos Ilustrados já fosse registrado pela editora dessas coleções. Isso pode explicar por que a Ebal pediu o registro em 1959 e só conseguiu em 1969.

Reiniciando o **GaZine** (no Youtube), agora em 2021 (24º programa). Agora exponho os fanzines **Gibilândia** e **Status Comics** do faneditor e pesquisador Roberto Guedes. Com uma nova máscara confeccionada pelo Luiz Fers (com base em um projeto/desenho meu) especialmente para este meu programa!



Eu me correspondi por email com Jenna Freedman, curadora da Barnard Zine Library e ela inseriu as 3 Fanzinotecas brasileiras no espaço físico brasileiro (incluindo como terceira a da Gibiteka de Barueri com a seção especial em homenagem a Thina Curtis) no site que lista as fanzinotecas do mundo todo.

Cinco questões para desenvolver aqui, a partir da visualização do **QI 166** em PDF.

Você divulgou meu **GaZine**, mas acho que esqueceu de por o link. É útil porque na leitura em PDF dá pra pessoa copiar o link e colar no Google achando facilmente.

Sobre meu livro **O Estatuto das Belas Artes nos Quadrinhos**, de 2020, faltou só mencionar que é a 2ª edição, sendo agora impressa (a 1ª em 2019 foi apenas digital).

Vou enviar entre esta e a próxima semana o meu fanzine **Fanzinar** em versão colorida. Acho que você não a imprimiu assim.

Para divulgar o meu **GaZine** iniciando 2021 passo a te enviar um link mais simples: <https://youtu.be/mHisxCrWKeA>.

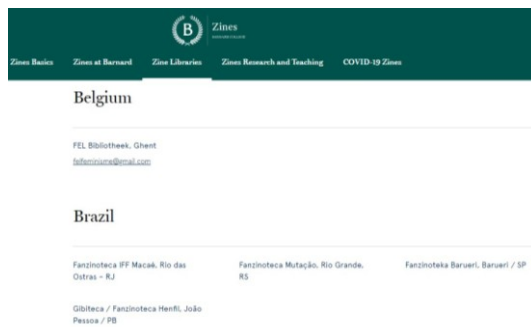
Enviei um email sobre a inserção das Fanzinotecas brasileiras no site da Barnard's Zines. Vou enviar outra mensagem à curadora de lá, pedindo para inserir a Gibiteca/Fanzinoteca Henfil de Magalhães, conforme ele me explicou que em realidade sempre tal gibiteca teve uma contraparte de fanzinoteca.

Espero que um dia você monte uma fanzinoteca, ou alguma seção viabilizada na alguma biblioteca de Brazópolis, ou quiçá de São José dos Campos, quem sabe!

Quanto aos links, confesso que evito colocar na versão impressa por vários motivos. O principal é que na maioria das vezes o link não é necessário. No seu caso, basta entrar no Youtube e digitar Gazine no mecanismo de busca e aparecem seus vídeos. Para restringir a busca é só acrescentar mais uma palavra chave. Na grande maioria das vezes, basta colocar a página central e depois fazer a busca dentro da página. Por isso tenho omitido os links que vários leitores, como Francisco Dourado ou Quiof, sempre enviam.

A curadora da Barnard Zine Libraries, Jenna Freedman, inseriu agora também mais uma fanzinoteca brasileira na listagem (agora são 4 as fanzinotecas nacionais): a Gibiteca/Fanzinoteca Henfil.

Inicialmente a Gibiteca Henfil foi fundada em 1990, construída sobre o acervo de quadrinhos de Henrique Magalhães, mas sobretudo com as publicações independentes e fanzines que acumulou durante a década de 1980 e que serviram de lastro para sua pioneira dissertação de Mestrado na ECA/USP. Depois, com o Doutorado em Paris 7, o acervo de fanzines cresceu ainda mais, ampliando as origens e diversidade dessas publicações. Por isso, agora era hora de assumir que também a Gibiteca é uma Fanzinoteca – com precioso acervo, por sinal. Portanto, doravante ela é a Gibiteca/Fanzinoteca Henfil, da Associação Marca de Fantasia, administrada pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba.



E Quim Thrussel ainda melhorou o quadro da Barnard Zine Libraries dando a ela a conhecer a existência das fanzinotecas em Portugal, Espanha e Itália (que estavam ausentes da listagem internacional). É o Brasil ajudando o fanzinato mundial. E também contactou a curadora Jenna e ela atualizou com mais uma quinta Fanzinoteca brasileira, o quadro de zinotecas pelo mundo: Zinoteca Glauco Villas Boas, Ribeirão Preto, SP.

EMIR RIBEIRO

João Pessoa – PB – emir.ribeiro@gmail.com

Primeiro lançamento de 2021. Enquanto a série atual de Velta ficará em hibernação por um tempo, estou me concentrando em – finalmente – organizar a cronologia das antigas histórias, com essa coleção **Velta – Contos da Super-Detive**.

O nº 8 tem 3 aventuras nostálgicas. 'Sem Energia', na forma de conto ilustrado com desenhos novos e velhos, visto que foi publicada na íntegra na edição **Velta 2012** (ainda disponível em estoque). Foi a 2ª HQ publicada em jornal profissional, em agosto de 1975. 'Ladrões e Assassinos' foi a primeiríssima aventura de Velta, publicada em março de 1973. A versão apresentada nesse número foi produzida em 2000 e fez parte do nº 12 da coleção Graphic Talents da Editora Escala, publicada toda em cores em 2002. 'Assaltos Ensaçados', na forma de conto ilustrado, foi primeiramente publicada em tiras de jornal em 1977.

Nas outras páginas. Um levantamento histórico das aventuras publicadas nesse número, com destaque para o uso da Olimpíada de 1972 como inspiração, na época, para composição da HQ da então Velta. A série colorida 'As muitas roupas de Velta' apresenta o 7º conjunto vestuário usado no ano de 1977. Tem ainda artes encomendadas pelos leitores e capas das publicações dos anos 1990: **Zat, Zat Contos e Molhadas & Fogosas** (esta última era erótica).

Preço da edição: R\$ 26,00 + R\$ 7,45 (frete registrado)

Enquanto isso, a Editora Criativo já pôs em seu catálogo de vendas dois formatos da série 'Velta na Realidade Alternativa', com aventuras transcorridas em um universo paralelo, onde a heroína esteve ativa desde a década de 1930.

Estão já disponíveis os nº 1 e 3, enquanto o nº 2 ainda está sendo impresso.

<https://www.livrariacriativo.com.br>

FRANCISCO DOURADO

Parnaíba – PI

Vendo o comentário do Quiof sobre a HQ Ingá, do Shiko, percebi que em nenhuma resenha (pelo menos as poucas que li), e tampouco nos extras da revista, é citado a referência à Serra da Capivara em São Raimundo Nonato (PI).



Quanto ao artista não identificado pelo Rod no suplemento dos ‘Primeiros Heróis’, creio ter visto semelhança com o traço do Pereira Netto.

O desconto de 100 reais tá sensacional!

Com referência à foto da ministra Carmen Lúcia, envio mais uma possível – Ernie Pike, de Oosterheld/Pratt, editora Figura.



MARCOS GRATÃO

marcosgratao.com@gmail.com

Quanto tempo, hein? Ainda estou produzindo meus quadrinhos, agora abri uma produtora, a Quantum Quadrinhos. Publicamos revistas impressas e online. Conheça nosso site: www.quantumquadrinhos.com.

HENRIQUE MAGALHÃES

João Pessoa – PB – henriquemais@gmail.com

Gostei muito do material (o encarte **Brindes das Revistas da Ebal**), tenho na Gibiteca e Fanzinoteca Henfil o Almanaque de 1971 de Homem-Aranha, de quem era muito fã. É uma doce recordação ver esses Cartões de Identidade.

Criei para o EGO uma página própria dentro da Marca de Fantasia, que, na prática é um sítio à parte e quem comanda é você, eu apenas faço a logística para que venha ao ar. Portanto, não me cabe dizer se um material cabe ou não publicar. Ainda que esteja dentro da Marca de Fantasia, o responsável é você, e eu confio plenamente em seu senso editorial.

A seguir, texto de Henrique, publicado no sítio Marca de Fantasia, sobre a animação feita por Caó com a personagem Maria.

MARIANIMADA

O artista gráfico/cartunista baiano Caó vem se dedicando há anos a criar belos poemas visuais sobre o cotidiano, trazendo uma porção de lirismos à vida. São dele os livros **Gatos&Sapatos**, **Almfadas com Pelos de Gato** e **La Tanayura**, entre outros.

Caó se dedica também à animação digital, com experimentos que já conquistaram amplo público e ganharam vários prêmios em festivais de cinema (veja mais em <http://caocruzalves.blogspot.com>).

Dele, recebi um baíta presente, que me envaidece e enche de alegria: um ensaio de movimento com as personagens Maria e Pombinha. Ainda que curto – diremos, o tempo de uma tira – a animação traduz perfeitamente o espírito das personagens, sem deixar de ter a peculiaridade do traço de Caó.

Uma ode a Maria. Viva!



ANGELO JR.

São José dos Rio Preto – SP

Recebi seu informativo. Mais uma vez um belo trabalho. Agradeço pela divulgação dos meus trabalhos. Você é meu maior incentivador, inclusive que comparece comprando todos os meus álbuns e que também divulga, prefacia, etc.

Espero em breve recomençar a produção. Estou recarregando as baterias...

Já tenho roteiros prontos. **Almanaque Olegna 2**, **Dimensão do Delírio 5**. Um projeto sobre o Planeta dos Macacos, com prefácio do especialista e amigo Saulo Adami. Um álbum colorido, talvez um sobre futebol. Ideias não faltam.

Falando em Macacos, estarei numa coletânea de contos em breve, ao lado de outros aficionados pelo tema, organizada pelo Adami e por Lu Evans. Aguarde divulgação.

Era isso, desejo um bom ano pra você e repito o meu mantra aqui: Saúde e sorte!

Felizmente o **QI** sobreviveu ao tresloucado ano de 2020, mostrando-se forte, com bastante saúde, sem precisar ser enganado com a tal hidroxiclooroquina. Vamos torcer para que logo chegue a vez do **QI** tomar a vacina, pois a situação continua difícil e perigosa. Embora não por vontade própria, o **QI** andou fazendo isolamento. Ele foi forçado a isso pelos Correios. E já que falamos em serviço postal, pelas numerosas críticas e reclamações que estamos vendo no **QI** a esse respeito, está mais do que evidente que esse serviço vem piorando cada vez mais. Parece não haver interesse para a ECT na entrega de correspondências comuns. A empresa aparenta ter se transformado em mais uma transportadora de encomendas (PAC ou Sedex). Privatizá-la seria a solução? Não sei. Mas está evidente que, continuando assim, a desmoralização da empresa será acentuada cada vez mais.

Muito interessante o seu comentário sobre a alteração que a Fantagraphics fez com o original de Barks. Não devia fazer. O passado não pode ser apagado, seja ele certo ou errado. A vergonha já foi praticada e ficou registrada. Não é escondendo esses fatos que iremos justificá-los ou erradicá-los. O leitor mais esclarecido hoje sabe muito bem que fatos preconceituosos foram produtos de uma época. Não podemos ignorar o que já aconteceu. É válido, no entanto, como já foi feito várias vezes, notas explicativas no começo da obra alertando o público mais jovem, educado no politicamente correto, que tais fatos vergonhosos merecem repúdio. No entanto, as obras do passado, por mais pecados que tenham cometido, não devem ser alteradas hoje. Um fato passado, mesmo transgredindo as leis humanas e sociais, deve ser mantido e trazido ao presente, para que sirva como documento de comportamentos que não mais devem ser perpetrados. Quem conhece as primeiras tiras de Mandrake, apenas citando um exemplo, sabe que a figura de Lothar foi apresentada de forma bastante ultrajante. Com o tempo tudo foi corrigido. No entanto, repito, não se deve adulterar a obra para remediar um pecado do passado.

Edição de Natal do **Gibi**. Lembro-me perfeitamente de que no final da década de 1960 e na década seguinte, quando houve uma espécie de renascimento das Histórias em Quadrinhos, essas edições eram muito procuradas por colecionadores saudosistas e cotadas a preços absurdos, principalmente as mais antigas. Confesso que nunca vi uma dessas edições.

O grande Antônio Euzébio era ilustrador de capas, o maior deles no Brasil (em minha opinião), mas parece ter sempre evitado desenhar histórias em quadrinhos. Tenho uma vaga lembrança de uma obra sua na **Série Sagrada** da Ebal. *Seria N. S. Aparecida?* Não tenho certeza. Apenas vagas recordações perdidas no passado. Euzébio, no entanto, não era um cartunista, era um ilustrador, um pintor. Um verdadeiro mestre no pincel, dominando de forma perfeita o guache. Suas capas feitas para o Aizen eram obras fantásticas, perfeitas. Será que esses originais ainda existem hoje? Ou estão todos perdidos? Provando mais uma vez que o Brasil é mesmo um país sem memória. Poderiam ser reeditadas hoje em um livro. Se os americanos podem reeditar as ilustrações de Frazetta e de outros em álbuns, por que o mesmo não poderia ser feito aqui com os trabalhos de Euzébio?

Capas do **QI**... sempre originais. A brincadeira do preço da assinatura do **QI** foi divertida, mas não teria assustado alguém nestes tempos de vacas magras?

O quadrinho do Fantasma (no "QI" 166) tem um erro na mão. Quando a palma da mão está para trás, o polegar é para dentro, McCoy desenhou para fora. Coisa que acontece. Já aconteceu com Hal Foster naquela cena em que Valente decepa a mão de um guerreiro viking. Também Foster criou um personagem pernetta e ao longo da história a perna de pau mudava de perna, uma hora na direita, outra na esquerda. O Gottfredson também gostava de fazer isso na perna de pau do Bafo-de-onça. Fez tanto que cansou, lá pelas tantas inventou de colocar uma prótese imitando perna de verdade, e nunca mais desenhava a maldita perna de pau.

Gostaria de compartilhar com o amigo essa emoção de ganhar um Angelo Agostini. Já te enviei o zine. Nunca esqueça, você sempre foi nosso inspirador.



PRIMAGGIO MANTOVI
primaggio@gmail.com

Boa tarde, amigo Edgard, tudo em paz? Espero que sim! Aqui, tô às voltas com o **Reis do Western** nº 8, lançamento previsto (sem contar imprevistos na entrega da gráfica) para meados de abril! Novidade-antiga: recebi um lote (inesperado) de exemplares do **Almanaque Sacarrolha 40 Anos!** Sei que você já tem, mas caso tenha interesse, o preço tá apetitoso. R\$ 35,00, frete incluso!



Mais algumas informações sobre a tira ‘Os Colonizadores’ de Joe Escourido. Ela foi publicada entre 1973 e 1976 no **Correio Braziliense** com o nome de ‘Os Coloniais’, praticamente até o fim da série nos EUA. Ao contrário do que afirma o Ionaldo, Escourido é norte-americano e não italiano, e a tira foi preparada para a comemoração dos 200 anos de Independência dos Estados Unidos em 1976. Embora seja considerada uma tira menor e de pequena duração, quatro anos não me parecem tão pouco assim. Escourido já tinha uma grande tradição na ilustração de livros infanto-juvenis e, na minha opinião, era um ótimo desenhista, tendo atuado também como chargista editorial.

Descobri que o **Correio Braziliense** já vinha publicando a tira desde meados de 1972. O site Stripper’s Guide acusa a criação da tira para 1970. Aqui vai o texto:

“Joe Escourido era evidentemente um homem antenado, pois previu já em 1970 que o bicentário que se aproximava tornaria qualquer coisa relacionada à era revolucionária americana uma aposta certa. Ele criou ‘The Coloniais’, uma tirinha sobre aquela época, e o United Features Syndicate a distribuiu para uma grande quantidade de editores de jornais.”

“A tira estreou em 30 de novembro de 1970 como página dominical e diária em um número respeitável de jornais, mas não demorou muito para que os problemas começassem. Embora ‘The Coloniais’ tenha chegado primeiro, nos anos seguintes outras tiras, como ‘Yankee Doodles’ e ‘Pluribus’, começaram a roubar clientes. Por mais importante que fosse o bicentário, os editores ainda não estavam dispostos a ceder mais de um espaço para as tiras que passavam nesse período. ‘Os Coloniais’ tiveram alguns problemas que o tornaram um alvo fácil para os vendedores de outros syndicates e que ofereciam novidades. O grande problema era que Escourido parecia um tanto entediado com o cenário da era colonial, e seu humor às vezes pouco ou nada tinha a ver com a época. Isso teria sido um grande problema para os editores. Em segundo lugar, Escourido parecia exagerar às vezes escrevendo diálogos com sotaque colonial/britânico, tornando o diálogo quase indecifrável (acho que é por isso que grande parte do material tem diálogos incompreensíveis em portuguêsé!!).”

“Em 1973, a tira já deve ter tido problemas, porque a página dominical foi abandonada naquele ano, e a tira foi rebatizada de ‘Colonial Capers’ – presumivelmente um movimento com a intenção de mostrar que a tira realmente tinha o propósito de ser engraçada. Tudo isso foi em vão. No ano do bicentário, a lista de clientes da tira estava realmente pequena, e pode até ser que a tira não tenha chegado a 4 de julho de 1976. Não encontrei publicação nos EUA depois de 1975.”

O site Lambiek também tem uma boa biografia de Escourido, embora com pequenas incorreções.

“Joe Escourido foi um quadrinhista de jornal norte-americano. Nasceu em Estelle, Darlington, em 1924 como Joseph James Escourido, e cresceu na Virgínia e na Carolina do Norte. Escourido frequentou o Pratt Institute em Brooklyn, Nova York, após seu serviço na Força Aérea durante a Segunda Guerra Mundial. Ele trabalhou como artista ao longo de sua vida, produzindo obras que incluíam pinturas a óleo e aquarela. Ele também fez ilustrações para livros infantis e outras publicações de texto, bem como esboços e desenhos para jornais.”

“Escourido era particularmente conhecido por sua série ‘The Coloniais’ e mais tarde ‘Colonial Capers’. Ele manteve um estúdio para suas obras de arte perto do Central Park na cidade de Nova York durante os anos 1950 e 1960. Mudou-se para a área de Lakeland em 1977 e começou a trabalhar para o jornal **The Ledger** como diretor de arte onde ocupou o cargo até 1991 e ganhou 22 prêmios por esse jornal. Durante sua aposentadoria, Joseph gostava de escrever poesia e letras de música, e muitas vezes escrevia artigos de opinião para jornais em resposta a eventos atuais.”

“Joe Escourido faleceu em Lakeland, Califórnia, em 22 de março de 2014.”



JOSÉ PIRES
Lisboa – Portugal

Só hoje me foi possível enviar-lhe o primeiro volume de **Os Doze de Inglaterra**. O meu estado de saúde, relacionado com uma brusca e preocupante descida da hemoglobina, obrigou-me mesmo a um internamento de oito dias no Hospital de Sta. Maria (nada de covid, felizmente). Depois do confinamento fez o resto.

Cá recebi o seu excelente **QI** do qual faço toda a propaganda que me é possível, distribuindo-o pelos meus assinantes para que fiquem por dentro.

Sinto saber que esteve hospitalizado, espero que esteja em franca recuperação e logo esteja em plena atividade novamente. Obrigado pela divulgação que faz do “QI” entre seus amigos.

Estive hospitalizado, como lhe disse, atacado por uma grave e inexplicável anemia, pois já me fizeram todos os exames possíveis para detectar as causas, que permanecem por descobrir. Na próxima sexta-feira terei mais uma consulta hospitalar, das várias que já fiz, e que acabam invariavelmente em transfusões de unidades de sangue. Vamos a ver se é desta vez que descobrem...

Tenho já mais de meia dúzia de fanzines para publicar: o segundo volume de **Os Doze de Inglaterra**, **O Cerro dos Enforcados** e **As Primeiras Histórias**, de E. Teixeira Coelho, **Aquila Maris**, **Hic Sunt Leones** e **Para Além da Linha**, de Franco Caprioli, **O Correio do Czar**, de Giulio Ferrari, mais um episódio da série **Garth**, **A Noiva de Gengis Khan**, e **Diabolik** (inédito em Portugal).

Mas a pandemia encerrou por cá tudo o que não seja de primeira necessidade e estou impedido de fazer impressões e de adquirir envelopes/embalagens para os envios por Correios!

Quanto à divulgação que tento fazer do seu excelente **QI**, é minha obrigação apoiar na medida do possível todas as iniciativas que se façam em prol das Histórias em Quadrinho, como são as suas notáveis iniciativas. Recordo o meu saudosos amigo Jorge Magalhães, pois foi graças a ele que entrei em contato consigo. A falta que o Jorge continua a fazer é gritante pois ele era único no nosso panorama. Mas é o mundo que temos.

Com as minhas desculpas por este atraso, cá estou a recepcionar o **QI** 165. Como sempre a sua qualidade é indiscutível e cada vez mais se nota uma certa apetência e até talvez um verdadeiro saudosismo dos seus leitores, quando se verifica qualquer atraso no aparecimento da publicação. Ao mesmo tempo e ao longo destes últimos anos, foi criado um elo que os liga entre si e o seu mentor, neste caso o editor. Esta ligação tem sido primordial para que esses leitores das mais variadas camadas de profissões se tenham transformado numa fonte de investigadores e estudiosos sobre as HQs brasileiras, uma lacuna bastante grande no Historial das HQs Brasileiras e não só. Também faltam informações sobre os argumentistas, desenhadores e sobre as revistas nacionais. Nesse campo há recentemente que recordar os episódios das coleções **Carga Pesada** e **Robbie**, e o mais antigo, em que o **Suplemento Juvenil** tinha afinal mais um número, o 1726... Mas penso que está encontrada a equipa ideal para através da rubrica 'Fórum' se debruçar, como aliás o tem feito, sobre as HQs e dos seus segredos.

Vamos recordar este **QI** de uma forma sucinta, pois todos devem tê-lo já nas suas mãos. A capa da autoria do editor é preciosa. Henrique Magalhães com a sua Maria diverte-nos. Temos uma página de desenhos de Mário Labate Santiago. Temos os 'Gibis Perdidos no Tempo' de Alex Sampaio. Luiz Cláudio Lopes Faria colabora com os seus trabalhos de desenho. A página seguinte recorda os palhaços adaptados às HQs, de Lio Guerra Bocorny. Uma página de terror de Joás Dias de Lima/Renato Rosatti leva-nos a seguir para o 'Fórum' de novo cheio de informações, em mais 14 páginas, e seguem-se as 'Edições Independentes', a rubrica 'Mantendo Contato' de WAZ, além de outras pequenas notícias. Acompanha este número um encarte de 28 páginas sobre 'O Gibi Esquecido' que espero que venha a agradar a todos, pois é da minha autoria.

Obrigado por mais um excelente número do **QI**. Esplendoroso e cativante, tem seguido a sua continuidade de uma forma firme e ciente do seu valor. A família 'Fórum' sente que os correios do Brasil não estão à altura de dar um certo valor à sua missão prioritária que é distribuir a correspondência o melhor e o mais rápido possível. Mas estas são as contingências a que estamos sujeitos por decisões de quem governa os países... Os portugueses também não melhoraram... Mas a missão do **QI** é informar e divertir, com atraso ou sem atraso, e isso está a cumprir de uma forma satisfatória, mercê de seu trabalho. Sempre a criar ideias que nos agradam sobremaneira... o pormenor dos dois cliques de "ouro" no encarte da **Cripta** e a capa do **QI**.

Os colaboradores que o ajudaram a criar este seu marsupilami são Mário Labate Santiago, Henrique Magalhães, Manoel Dama, E. Figueiredo, Alex Sampaio com 'O Gibi Raro da Magali' (eu tenho o número 2 oferecido pelo próprio Maurício de Sousa quando o entrevistei em Lisboa, depois passei a receber uma série deles), Luiz Faria, e entramos no clima do 'Fórum', todos os leitores com algumas informações úteis que irão por certo num futuro próximo ajudar a conhecer melhor o Mundo dos Quadrinhos Brasileiros. São mais 16 páginas e nelas notei particularmente a informação de Lio Bocorny salientando um trabalho do ilustrador Manuel Piló, provavelmente feito numa das suas duas estadas no Brasil. Sobre ele e quem o quiser conhecer melhor mando uma pequena biografia (pouco se sabe também) e lembro que este ilustrador português foi conhecido como o criador dos Bonecos de Madeira Articulados e mais tarde criou outros construídos em papel e que se montavam como poderão ver pelas duas imagens (vem em folhas separadas que depois juntamos e colamos e temos o boneco pronto). Depois temos as 'Edições Independentes', 'Mantendo Contato' de Wormey, as 'Edições de Natal do Gibi' de Lio Bocorny e uma 'Homenagem a Jodil' de Rod Tigre. Quanto aos encartes, temos 'Os Primeiros Super-Heróis do Mundo' de Rod Tigre também e **Cripta** de Lincoln Nery. Bons trabalhos.

Para mim só me resta agradecer-lhe os momentos que passo a descobrir coisas sobre as HQs e não esquecer também que nos meus encartes há muito trabalho seu na sua concretização.

BIOGRAFIA DO MANUEL PILÓ

Manuel Piló nasceu em 1905 e as décadas dos anos 20 e 30 do século XX marcaram-no artisticamente na sua adolescência e idade adulta. Com o passar dos anos efetuou várias viagens à Argentina, Estados Unidos e Brasil duas vezes, para concretizar e desenvolver a sua arte. De Paris trouxe para Portugal a técnica de pomboir (stencil), que também usou e desenvolveu nos seus trabalhos. Vários são os objetos criados por si, desde Lenços de Mão, Jarros, Canecas e outros, alguns deles na produção da Vista Alegre. Piló é reconhecido como o criador dos Bonecos de Madeira Articulados. Alguns bonecos seriam adaptados e lançados como Construções de Armar em 1970. O artista morreu em 1988.



A capa do **QI 166** define o que é uma HQ de um quadro só! O efeito negativo eu nunca tinha visto, incrível!

Retribuo os elogios e lembranças do José Magnago, Henrique Magalhães, Alex Sampaio e Manoel Dama, obrigado, amigos, fico contente que estejam gostando das minhas cartas/artigos.

A revista do Euzébio que foi publicada pela Ebal é a do Super-Consul. Se alguém tiver imagens dessa edição em boa definição e puder mandar no meu email, eu agradeço. Também estou procurando por imagens e informações das HQs do Supermico, que eram publicadas na revista **Simãozinho** (editora Prelúdio), do personagem Drago, de Dag Lemos, que saiu na **Nick Fury** (Trieste), da revista **Chiquinho Super** da editora Roval e da HQ do Raio Negro de Gedeone se encontrando com o vilão Unus da Marvel, publicada pela GEP.

O Cosme Custódio comenta a passagem do Quino e diz que “se todos tivessem uma Mafalda dentro de si o mundo seria outro”. Meu pai tinha um livrão da Mafalda, o **Toda a Mafalda**, uma edição de Portugal, então eu cresci lendo a Mafalda em português de Portugal, com seus “banheiros giros”, com sua turma esperando os presentes do “Pai Natal” e os amiguinhos tinham nomes diferentes, a Suzanita, por exemplo, era Suzaninha em Portugal.

O Mestre e amigo Emir Ribeiro comenta sobre o Dia do Super-Herói Brasileiro. O super-herói brasileiro deve se tornar um patrimônio cultural nacional, e nesse sentido é louvável a iniciativa do Elenildo Lopes (articulador do Projeto Alfa – que reuniu super-heróis brasileiros criados por autores de todo o Brasil em uma revista caprichada pela 1ª vez) de criar um dia para essa comemoração.

O primeiro problema que eu destaco são algumas das pessoas que ele tem chamado pra participar do evento, precisamente um notório inimigo dos super-heróis brasileiros (quem só sabe fazer matérias criticando os autores nacionais deve ser chamado do quê?).

O segundo problema, e eu falei isso diretamente para o Elenildo, é que ele tem receio de assumir que somos os criadores do super-herói em termos mundiais, e insiste nessa de que o Capitão 7 foi o nosso 1º herói, ignorando praticamente 50 anos anteriores à data de criação do Capitão 7 que tivemos produção intensa de super-heróis no Brasil. E olha que eu adoro o Capitão 7 e escrevi um livro inteiro sobre ele, em que conto maiores detalhes sobre seu autor Rubem Biáfora, Amanda Mayo, que era a roteirista do programa, e o ator que o interpretou (e alguns insistem em chamá-lo de criador), Ayres Campos. E ele não faz isso porque não sabe disso, o Elenildo conhece tudo de super-herói brasileiro, mas porque quer agradar o senso comum, se esquecendo que o super-herói brasileiro é incomum.

De qualquer forma, desejo sucesso no projeto, lembrando que só existe um dia de verdade que é o dia do super-herói brasileiro, dia em que o Príncipe Oscar de Gustavo Barroso surgiu no número 161 da revista **O Tico-Tico**, em 4 de novembro de 1908!



la acontecer até uma premiação em 2020 chamada Prêmio Príncipe Oscar, mas os criadores do evento, depois de ameaças de cancelamento virtual, encerraram a premiação. Não é com covardia que os autores independentes vão conquistar o espaço que o super-herói brasileiro merece! Pelo contrário, o sucesso só chega pra quem é ousado. Vocês acham que vamos conquistar nosso espaço numa boa, sem nenhuma resistência e luta? Eu sempre repito, super-herói brasileiro é Alta Cultura, não tem nenhuma ligação com esse universo “pop” de adultos que se comportam como meninos. Super-herói brasileiro é Arte Pura reservada para uma Elite Cultural. O super-herói brasileiro não faz parte da Cultura Nerd, e sim do lado Marginal e Revolucionário da arte brasileira.



O Sultão é um outro personagem bem antigo que eu achei, foi criado por Cicero Valladares no nº 174 da revista **O Tico-Tico**, em 3 de fevereiro de 1909, e foi até o nº 196, de 7 de julho de 1909. É a série mais violenta de **O Tico-Tico**, com esquarteramento e cabeças cortadas. Conan não existia nem mesmo nos pulps, e Sultão já era uma série de espada&magia antes de inventarem o termo! Além de ser uma série gore, já que a decapitação é explícita.



O jornal **Luta Democrática**, da cidade de Duque de Caxias, RJ, está online no site da Biblioteca Nacional. Tenório Cavalcanti é um desses homens impressionantes da História do Brasil, nascido em Alagoas, fundou o jornal **Luta Democrática** para promover sua carreira política, criando a fórmula usada até hoje nos jornais de notícias sobre crimes bárbaros, com notícias mostradas com muitas fotos de cadáveres e escrita na língua do povo. Também era um jornal notadamente anticomunista.

Conhecido pelo apelido de Homem da Capa Preta, que usava sempre pra esconder sua submetralhadora MP-40, que chamava carinhosamente de Lurdinha, Tenório se envolvia em muitas brigas e matou muito de seus inimigos, sempre alegando a legítima defesa. Criou loteamento para as famílias carentes a partir de suas próprias terras, sendo até hoje um nome querido dos moradores de Caxias, apesar da aura de violência que evoca e seus atuais opositores dizem que ele foi o primeiro miliciano da baixada.

A HQ do Homem da Capa Preta iniciou no **Luta Democrática** nº 3 em 8 de fevereiro de 1953 e foi até a edição 147, em 29 de junho, sob o título 'Vida, Paixão e Drama do Deputado Tenório'. A curiosidade é que era narrada em versos de Zé Alagoano com a arte de Arno Voigt. Walter Peixoto concluiu a primeira e desenhou a segunda história, a partir da edição 114, 'A Morte de Zé Dantas, Bereco e Imparato'. Na mesma época foi lançado um livro de autoria de Tenório, **Memórias de Tenório Cavalcanti**, pela editora O Cruzeiro, que usava a mesma propaganda dos quadrinhos de Walter Peixoto.

Junto com o historiador Rafael Albuquerque, Carpalhau promoveu uma atualização do Homem da Capa Preta em quadrinhos, que também se encontrou com seu personagem Detrito. João Carpalhau participou do documentário **O Homem por trás da Capa Preta**, que conta a história do Tenório, e disse que: "O Tenório é um personagem que lembra muito as coisas de quadrinhos...quando eu era menino e vi o filme (**O Homem da Capa Preta**) pela 1ª vez, eu vi que ali tu tinha o elemento do Zorro, do Sombra, do Darkness, que são coisas muito vivas nos quadrinhos. Esse mito, do político pistoleiro da baixada fluminense, isso cabia muito bem no quadrinho".



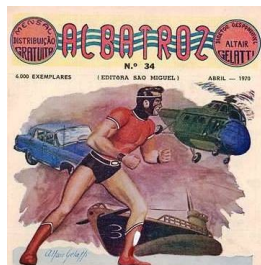
O Homem da Capa Preta também inspirou a literatura de cordel, livros, filmes e o personagem de humor Dr. Baixada (criado por Luscar em 1980), e mais recentemente foi a inspiração do projeto **Capa Comics**, fundado em 2013 pelo meu amigo João Carpalhau, que publicou diversas edições independentes com seus personagens e de autores caxienses.

ALTAIR GELATTI RUBENS CORDEIRO

O adeus de dois mestres do Quadrinho Nacional
e criadores de dois Super-Heróis Clássicos

Rod Tigre

Altair Gelatti, nascido em 1º de outubro de 1931, fez a passagem em 25 de outubro de 2020, em decorrência de um câncer, aos 89 anos. Natural de Flores da Cunha, RS, viveu desde a juventude em Caxias do Sul, RS. Trabalhou no eixo Rio-São Paulo a partir dos anos 1950 em editoras como Taika e Outubro, muitas vezes fazendo histórias de guerra, o que dizia não gostar, pois era um pacifista! Em 1965, por sugestão da esposa, cria a editora Litoarte e publica a revista **Albatroz**, que, graças ao recurso do marketing, pois fazia propaganda dos lojistas da cidade, chega a ter 46 números! Na revista **Albatroz**, cria seu maior sucesso, o super-herói Homem-Força! Segundo o autor: “Ele era um rapaz puríssimo, escolhido por extraterrestres, marcianos, que eram a febre da época. Eles lhe dão força para fazer o bem e combater o mal. Hoje temos heróis que são também anti-heróis. Não se sabe se ele é bandido ou mocinho, mau ou bom. Naquele tempo, bem e mal estavam em lados diferentes. E ele era combatente do bem.”



A partir de 2018 o Homem-Força passou a ser reeditado na revista **Gibi X**, editada por Rogério Casacurta, que fez um desenho em homenagem ao seu mestre e ídolo com o Homem-Força se despedindo do seu “pai”.



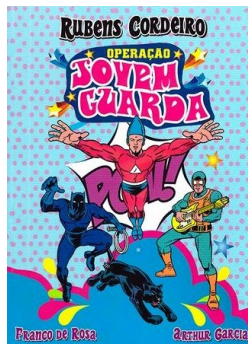
Na triste madrugada do dia 7 de dezembro foi a vez do mestre Rubens Cordeiro (nascido em 15 de fevereiro de 1934) se despedir de seus familiares e fãs, aos 82 anos. A causa da morte não foi divulgada.

Rubão, como mais gostava de ser chamado, trabalhou em todos os tipos de quadrinhos, principalmente de terror, mas também fez muitas HQs de guerra, eróticas, dos personagens da Hanna-Barbera, do Zorro e até da She-Ra! Um de seus trabalhos lembrados é a revista **Piloto**, da editora Abril, de 1982, em homenagem a FAB e a Aeronáutica no Brasil. Atualmente era muito cultuado pelos super-heróis brasileiros que desenhou e criou nos anos 1960. O Patrulheiro Fantasma foi criado por Rubão em 1968, 4 anos antes do Motoqueiro Fantasma da Marvel.

Em 1967 já havia aparecido uma gangue neo-nazista na HQ nacional, no nº 2 da revista do herói Pele de Cobra, com texto de Rivaldo e arte de Eugenio Colonnese e Rubens Cordeiro. Hitler II é o líder de uma gangue de motoqueiros que roubam e matam pelas estradas do Brasil, sobre duas rodas, até se depararem com Pele de Cobra, um justiceiro das rodovias. Curiosamente, é citado na HQ que eles se inspiraram em George Lincoln Rockwell para criar o vilão Hitler II, que realmente existiu e foi fundador do Partido Nazista nos EUA e que foi assassinado, na vida real, por um autor de gibis de super-heróis neo-nazistas, mostrando o quanto que os roteiros dos super-heróis brasileiros dos anos 1960 eram avançados e os autores estavam antenados com os assuntos que estavam rolando no mundo. Mais detalhes no meu livro **Super-Heróis Brasileiros da Revolução**.



Golden Guitar (em parceria com Rivaldo Macedo e Benedito Aparecido da Silva, o Apa), Superago (em parceria com Eugenio Colonnese), Mistyko (com roteiro do jornalista Percival de Souza, da TV Record) e Homem Fera (em parceria com Apa e Carlos M. Vaya) são super-heróis brasileiros incríveis e modernos publicados pela editora Grauna em 1967, que tiveram a participação de Rubão na criação, e que reapareceram no incrível álbum **Operação Jovem Guarda** em 2017, com roteiro de Franco de Rosa e Arthur Garcia. Foi o último trabalho inédito de Rubens Cordeiro publicado.



EDITORA VER-O-GIBI ESTREIA COM THRILLER DE TERROR



Surge a Editora Ver-O-Gibi. A intenção é valorizar o artista da região Norte, para publicar seu trabalho sem precisar migrar para outros mercados. Um dos gêneros mais importantes nos Quadrinhos, desde a década de 1930 com 'A Garra Cinzenta', e outros até 1990, o terror sempre fez sucesso nas terras tupiniquins, onde não faltam boas histórias nesse profuso número de lendas e contos. Sejam curupiras, matinta-pereras ou vira-porcros, sempre nos interessam com bons roteiros. Para se ter uma ideia, em 1963 existiam mais de 30 títulos do gênero nas bancas. Hoje em dia a internet tem dado sua contribuição ao gênero com HQs online e mesmo impressas, produzidas por autores de todo o país através do financiamento coletivo.

Nessa onda chega ao mercado a Editora Ver-O-Gibi com o objetivo de dar mais visibilidade aos quadrinhistas da região Norte do Brasil. Lança seu primeiro título, **By Night em Santa Helena**, que está na plataforma Catarse.

Santa Helena é uma cidade fictícia situada na região Norte do Brasil, uma gêmea sombria de Belém do Pará, onde criaturas místicas circulam pelas sombras e becos. É nela que encontramos Mike, em sua cruzada para manter mitos e lendas em harmonia com o resto da sociedade. A arte fica por conta do genial DSantos, quadrinhista paraense que já realizou trabalhos para **Heavy Metal**, editoras americanas independentes e a editora francesa Hachette.

Editor: Emerson Coe – redcomicscontato@gmail.com.



**FATOS
E
VULTOS
DO
BRASIL**
TEXTO E DESENHOS DE
WASHINGTON JÚNIOR

A ABOLIÇÃO

Para a celebração do Brasil, os portugueses lançaram mão de todos os recursos de sua dignidade. Foram trazidos de Portugal muitos procedimentos, que passaram a cumprir suas partes pelas regras próprias, estabelecidas como se fossem no lar, ou seja, a cultura e as instituições da metrópole. Os portugueses brasileiros também foram usados como exemplo, mas, em 1808, foi promulgada uma lei abolindo a escravidão das Índias.



Página de Sesinho enviada por José Manuel de Oliveira.

Brazópolis

O município de BRAZÓPOLIS fundado em 6 de Abril de 1902, dista da capital do Estado 661 Kil. Com uma população de cerca de 28.000 habitantes, é dotado de abastecimento de água, esgotos e desenvolvido comércio, possuindo cerca de 85 casas de negócios. A prefeitura mantém um crescente desenvolvimento 20 escolas sendo 15 escolas rurais municipais e 5 estaduais, grupos escolar, Jardim da infância, Gymnasio Brazópolis, Escola Normal e grande numero de escolas particulares.

A frequência nas escolas oficiais é de 1546 alunos.

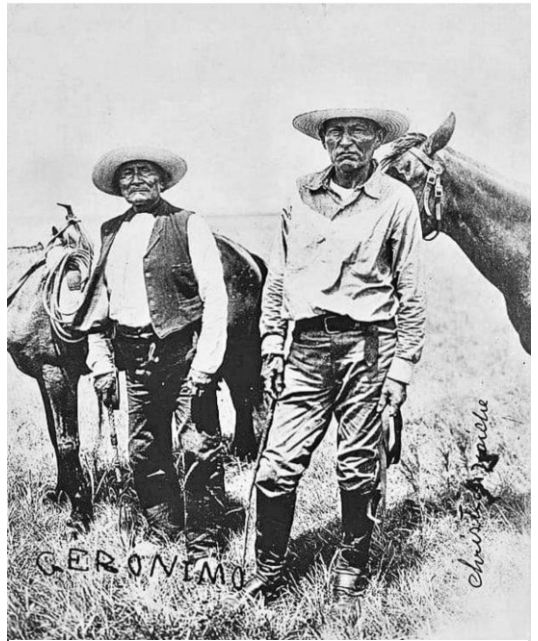
Seu prefeito actual é o Sr. ATALIBA DE MORAES

Página sobre Brazópolis publicada em **Brasil Revista**, de 1936, enviada por Wagner Augusto.

CAPAS ENVIADAS POR GASPAR ELI SEVERINO



Geronimo and Chief Naiche. Apache. 1902



Terence Hill e Bud Spencer



Fotos enviadas por Gaspar Eli Severino.

NOTA DE DESPEDITA

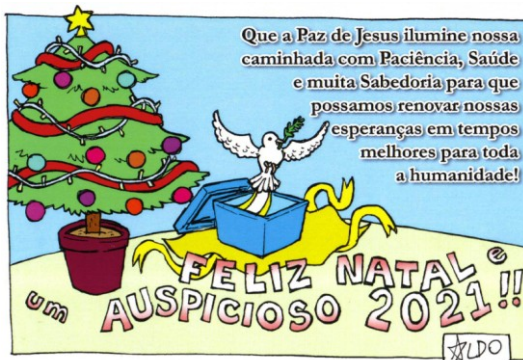
Comunico o falecimento de **ABELARDO SOUZA**, leitor e colecionador do **QI** desde seu primeiro número.

Abelardo faleceu no dia 31 de janeiro, de problemas cardíacos, poucos dias antes de completar 85 anos.

Colecionador por excelência, em especial de revistas de quadrinhos, manteve durante décadas um boletim de venda e troca de gibis, o **Colecionadores AFFE**. Também produziu, entre dez/1996 e nov/1997, a **Coleção Retrospectiva**, álbuns de quadrinhos antigos, com 7 volumes publicados.

Abelardo participava regularmente da seção 'Fórum' enviando matérias diversas sobre colecionismo em geral.

À toda a família, nossos sentimentos de pesar.



Cartão enviado por Aldo Maes dos Anjos.

ENCARTE DIGITAL DESTE QI

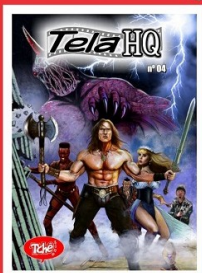
Há algum tempo, o Carlos Gonçalves me enviou um texto para fazer um encarte sobre alguns brindes que a Ebal deu aos seus leitores junto com os Almanques publicados em 1970 e 1971. Foram os Cartões de Identidade dos Heróis e os Cartões Postais ou Cartões dos Heróis. Um material muito bom, mas havia dois poréns. Em primeiro lugar, não havia as imagens de todos os cartões, principalmente dos Cartões Postais. Em segundo lugar, eu estava relutante em fazer um encarte impresso no formato normal (meio ofício) com as imagens dos cartões reduzidas e em preto e branco. E fazer um encarte impresso colorido e com os cartões no tamanho natural estava fora de cogitação.

Nesse meio tempo, conseguimos praticamente todos os cartões que faltavam e tomei a iniciativa de fazer encartes somente digitais para o **QI**. Com essas novas condições, me deduzi sobre o material para fazer um encarte digital sobre os Brindes da Ebal. Mas uma coisa puxa a outra e resolvi olhar que outros brindes a Ebal havia oferecido. Havia uma quantidade bastante grande de brindes e não seria possível abordar todos, mas poderia dar uma visão geral do assunto. Só que aí o encarte começou a ficar muito grande. Decidi dividi-lo em uma coleção chamada *Brindes das Revistas da Ebal*. O primeiro volume, dedicado aos Cartões de Identidade dos Heróis, está pronto e disponível em PDF junto com este **QI** no site Marca de Fantasia.

BRINDES DAS REVISTAS DA EBAL – 1



Lançamento



TelaHQ 04
Outubro/2020
Fanzine de comentários
sobre filmes e séries
com ilustrações
exclusivas.

São 22 pág, xerox, capa colorida
e formato A5. R\$ 10,00 + frete



Lançamento

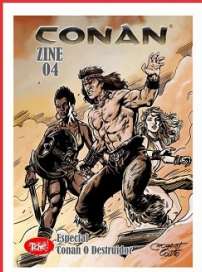


Caverna dos Gibis 07
Setembro/2020
Zine com artigos sobre
quadrinhos e afins com
ilustrações exclusivas.
São 22 pág, xerox, capa colorida
e formato A5. R\$ 10,00 + frete

Versão digital gratuita!
Solicite deixando seu
e-mail nos comentários.



Lançamento



Conanzine 04
Novembro/2020
Fanzine em homenagem
ao Conan, O bárbaro
com ilustrações
exclusivas.

São 22 pág, xerox, capa colorida
e formato A5. R\$ 10,00 + frete



EDIÇÕES INDEPEN DENTES

QUADRINHOS

AAAHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos com destaque para a Fanzinoteca de Macaé * n° 22 * jan/2021 * 79 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – nyhyw@yahoo.com.br.

AAAHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos com destaque para ilustrações de Marcelo Dola e HQ de Wagner * n° 23 * mar/2021 * 119 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – nyhyw@yahoo.com.br.

ALMANAHQUE OLEGNA * HQs de temas diversos de Angelo Junior * dez/2020 * 54 pág. * A4 * capa color. * R\$ 32,47 + porte * **Angelo Junior** – a/c www.clubedeautores.com.br.



CAPITÃO 7 * entrevista com Shimamoto, 1ª HQ com o herói, matérias, ilustrações, etc. * dez/2020 * 32 pág. * A5 * capa color. * **Paulo Ricardo Kobielski** – R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380 – pr.kobielski@hotmail.com.

CARTUM * 2 jogos de tabuleiro de brinde * n° 145 * dez/2020 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

CATÁLOGO TCHÊ 2020 * lançamentos de Denilson durante 2020 * 8 pág. * A7 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380 – tchedenilson@gmail.com.



CONAN ZINE * ilustrações de Conan por vários autores * n° 4 * nov/2020 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + frete * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

DEZIRO * revista de art, comics, poetry, illustration, HQs de Manoel Dama * n° 0 * dez/2020 * 28 pág. * edição digital * **Manoel Dama** – Av. Augusto Franco, 3553, Bl. J, ap. 203 – Ponto Novo – Aracaju – SE – 49047-040 – manoelmacedo@yahoo.com.

FANDAVENTURAS – Os Doze de Inglaterra * **Raul Correia e Eduardo Teixeira Coelho** * vol. 1 * fev/2021 * 64 pág. * A4 * color. * 20,00 + 9,80 euros * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.



FANTASMA ARTZINE * entrevistas com Hélio Guerra e Wendell Cavalcanti, HQs, matérias * n° 4 * jul/2020 * 36 pág. * A5 * capa color. * **Paulo Ricardo Kobielski** – R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380 – pr.kobielski@gmail.com.

GIBILÂNDIA * HQs de John Romita, Gil Kane, Jim Starling, Berni Wrightson, textos, etc. * n° 12 * jan/2021 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 25,00 * **Roberto Guedes** – Av. Iraí, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.

GIBILÂNDIA * HQs de Frank Miller, Gutemberg Monteiro, Klaus Janson, Martin Greim e Dan Adkins * n° 13 * fev/2021 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 25,00 * **Roberto Guedes** – Av. Iraí, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.



INFLÁVIO * HQs, tiras, cartuns, textos, produção de Flávio * n° 1 * 2020 * 36 pág. * 210x300mm * capa color. * R\$ 19,90 * a/c **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

INFLÁVIO * HQs, tiras, cartuns, textos, produção de Flávio * n° 2 * 2021 * 36 pág. * 210x300mm * capa color. * R\$ 19,90 * a/c **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

JOHNNY HAZARD * páginas dominicais de 1944, de Frank Robbins * n° 1 * jan/2021 * 24 pág. * 200x300mm * R\$ 29,90 * **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

MESTRES DO TERROR * HQs de Laudo e Will, Lillo e Laudo, Sidemar, Luiz Saidenberg, e Márcio Garcia, textos, capa de Shimamoto * n° 74 * fev/2021 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 22,00 * **Daniel Saks** – R. Ademar de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistacalafrio@gmail.com.

MICHÈLLE A VAMPIRA * HQs inéditas de Emir Ribeiro * n° 2 * jan/2021 * 24 pág. * 160x230mm * R\$ 19,90 * **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

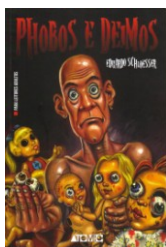
MÚLTIPLO * HQs de Ivan Felix, Weberton Silva e Glauco Grayn, tiras de Omar Viñole, ilustrações, etc. * n° 49 * nov/2020 * 76 pág. * A5 * color. * R\$ 50,22 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * HQs de Tony Fernandes, Lancelott Martins e Fernando Fonseca, E.C. Nickel, Glauco Grayn e Rogério Rocha, Lincoln Nery e Pedro Lucas, ilustrações, etc. * n° 50 * dez/2020 * 96 pág. * A5 * color. * R\$ 54,74 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Cayman Moreira, Luiz Iório, Dinho Monteiro, André Carim e Rogério Rocha, ilustrações, etc. * n° 51 * jan/2021 * 60 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andrecarim@outlook.com.

MÚLTIPLO * HQs de Zilson Costa, Luiz Iório, Hugo Máximo, Sandro Marcelo e Glauco Grayn, ilustrações, etc. * n° 52 * fev/2021 * 56 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andrecarim@outlook.com.



PORTFÓLIO



ANGELO JR

MUNDO GIBI * entrevista com Rubens Francisco Lucchetti, artigos, HQs, ilustrações, etc. * n° 4 * fev/2020 * 36 pág. * A5 * **Paulo Ricardo Kobielski** – R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380 – pr.kobielski@hotmail.com.

PHOBOS E DEIMOS * coletânea de HQs de Eduardo Schloesser * dez/2020 * 298 pág. * 155x230mm * R\$ 68,90 + porte * **Marcos Freitas** – R. Comandante Osni Schuttel Furtado, 389 – Praia de Fora – Palhoça – SC – 88138-760 – atomiceditora@gmail.com.

PORTFÓLIO ANGELO JR. * coletânea de ilustrações, HQs, produção gráfica, textos, criações de Angelo Junior * 2016 * 64 pág. * A4 * color. * R\$ 57,36 + porte * **Angelo Junior** – a/c www.clubedeautores.com.br.

TCHÊ * entrevista com Wally Vianna, textos diversos, HQs, etc. * n° 44 * dez/2020 * 40 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 + porte * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VELTA – Contos da Super-Detetive * contos e HQs de Velta, a Super-Detetive * n° 7 * dez/2020 * 20 pág. * 150x230mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 4104 – ACF Praia do Cabo Branco – João Pessoa – 58045-970 – emir.ribeiro@gmail.com.

VELTA – Contos da Super-Detetive * contos e HQs de Velta, a Super-Detetive * n° 8 * jan/2021 * 36 pág. * 150x230mm * capa color. * R\$ 26,00 + R\$ 7,45 * **Emir Ribeiro** – C.P. 4104 – ACF Praia do Cabo Branco – João Pessoa – 58045-970 – emir.ribeiro@gmail.com.



O VIGILANTE RODOVIÁRIO * texto e HQ inédita com O Vigilante Rodoviário, entrevista com Carlos Miranda * n° 1 * jul/2019 * 24 pág. * A5 * capa color. * **Paulo Ricardo Kobielski** – R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380 – pr.kobielski@hotmail.com.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * contos, artigos, ilustrações, resenhas, HQs de André Bozzetto e Angelo * n° 219 * fev/2021 * 26 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

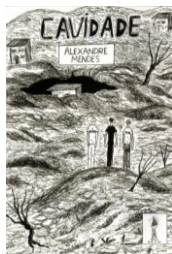
JUVENATRIX * contos, artigos, ilustrações, resenhas, HQ de Francinildo Sena, Marcos Franco e Dennis Oliveira * n° 220 * mar/2021 * 30 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

AVISO FINAL * entrevista com a banda OdioSocial * n° 38 * jan/2021 * 24 pág. * A6 * **Renato Donisete Pinto** – R. Ivaí, 812/24 – São Caetano do Sul – SP – 09560-570.

CAVIDADE * livro de poemas, crônicas e ilustrações de Alexandre Mendes * jan/2021 * 28 pág. * 140x210mm * a/c Wagner Teixeira – R. Cândido Mendes, 215, ap.505 – Glória – Rio de Janeiro – RJ – 20241-220 – nyhyw@yahoo.com.br.

FILMES ANTIGOS * resenhas de filmes clássicos de Hollywood * n° 23 * jan/2021 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.



FILMES ANTIGOS – BRASIL * comentários sobre filmes nacionais de várias épocas * n° 4 * dez/2020 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FILMES ANTIGOS – EUROPA * comentários sobre filmes europeus de várias épocas * n° 4 * dez/2020 * 36 pág. * 180x260mm * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

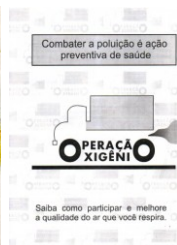
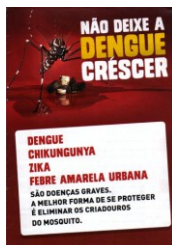
MEGAROCK * entrevista com Billy Graziadei, resenhas de CDs e publicações alternativas, HQs de Cleuber * n° 73 * dez/2020 * 12 pág. * A4 * Fernando Cardoso – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971 – contato_fernandocardoso@hotmail.com.



REBOCO CAÍDO * textos, poemas, ilustrações, HQs de Fábio Barbosa e Diego El Khouri * n° 59 * jan/2021 * 12 pág. * edição digital * Fábio da Silva Barbosa – fsb1975@yahoo.com.br.

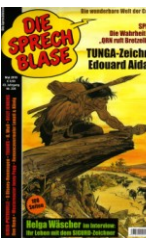
QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Wagner Teixeira enviou o folheto ilustrado **Não Deixe a Dengue Crescer**. Paulo Joubert Alves enviou os folhetos ilustrados **Jornada Bíblica**, do Santuário da Aparecida, e **Operação Oxigênio**, da Prefeitura de Belo Horizonte; e os cartões telefônicos da Telefônica, Telegoiás, Brasil Telecom e Telkom.

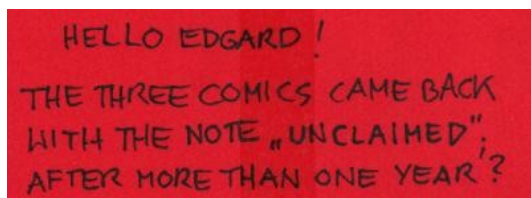


QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou 3 edições. A primeira é um álbum do personagem Tony Stark, de autoria de Aidans, publicado pela Ehpapa Verlag em 1982. O formato típico de álbum franco-belga, capa cartonada, boa impressão, 46 páginas de aventura bem escrita e desenhada. As outras duas são os números 238 e 239 da revista **Die Sprech Blase**, ambas de 2018. Uma revista toda colorida, impressão excelente, muita imagem, capas de revistas e livros, tratando de quadrinhos e temas relacionados. O primeiro número deu destaque ao autor Edouard Aidans, criador de várias séries de sucesso, entre elas, Tunga; o segundo número deu grande destaque a Steve Ditko dedicando-lhe quase metade de suas 100 páginas.



A nota curiosa foi o bilhete de Gerd anexado às edições.



LITERATURA, POESIA e MÚSICA

CLUBE DO TONINHO * oferta de gibis para venda * Antônio Luiz Ribeiro – alribeb@gmail.com.

CONTATO DIRETO * n°s 297 e 298 * Armindo F. Gonçalves – C.P. 06 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08530-970.

O GARIMPO * n°s 186, 187 e 188 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

FUÇADINHA

Gerd enviou essas edições em 14/12/2019. Um ano depois recebeu o pacote de volta, com os dizeres “Não Reclamado” (?). Ai ele enviou de novo e eu recebi. Agora, ESTOU RECLAMANDO!!!, só para satisfazer os correios. Esse limbo de um ano, adivinhem se foi cortesia do correio alemão ou do brasileiro.

Carlos Gonçalves enviou um pacote de edições independentes portuguesas. As primeiras três são os nºs 149, 152 e 153 do **Boletim do Clube Português de Banda Desenhada**, o mais recente de janeiro de 2021. Já há algum tempo que o **Boletim** se tornou uma edição muito bem cuidada, tanto no conteúdo quanto no formato, um bom número de páginas, com muita ilustração colorida e ensaios muito bons. O nº 149 traz a continuação do estudo sobre a Ficção Científica na BD publicada em Portugal, autoria de Jorge Magalhães, e um longo texto de Paulo Duarte sobre Enrico Bagnoli. O nº 152 tem como matéria principal o artigo ‘As Mulheres da Selva’ de Carlos Gonçalves, que saiu como encarte do **QI**. Acompanham matérias sobre José Garcês e Os Clones de Tarzan. O nº 153 comemora os 60 anos do episódio histórico O Assalto ao Navio Santa Maria, com algumas quadrinhizações feitas do episódio.



Em 2002, Geraldine Lino editou um álbum em formato deitado com as **Novas “Fitas” de Juca & Zeca**, em homenagem à série “As “Fitas” de Juca & Zeca”, publicadas no jornal **O Século** entre 1920 e 1922, de autoria de Belmiro e Rocha Vieira. O novo álbum, no entanto, não trouxe as tiras originais, mas sim novas aventuras, feitas por 21 autores portugueses em atividade no início do século XXI.

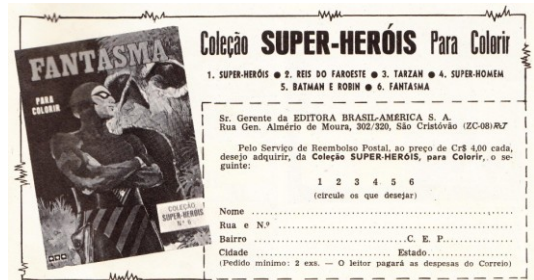
Era Uma Vez era uma publicação de resgate de antigas BDs publicadas em Portugal, editado por A. J. Ferreira. Este nº 14, de maio de 2003, apresenta aventuras de ‘O Capitão Bill, o Grumete Bell e o Cozinheiro Ball’, versão da tira inglesa ‘The Captain the Kid and the Cook’. O nº 12 de **Fandwestern**, publicado por José Vilela em junho de 2004, traz a BD ‘O Homem-Medicina’ e outra BDs de western desenhadas por Serpieri. **Cidades de Papel** é um folheto-catálogo da exposição ‘Separatas e Construções de Armar’, realizada no 2º semestre de 2020, na Biblioteca Nacional de Portugal.



Meu interesse como colecionador sempre foi exclusivamente por edições de Histórias em Quadrinhos. Mas a gente acaba adquirindo alguns outros produtos com alguma relação com as HQs. Assim acabei comprando alguns números da **Coleção Super-Heróis Para Colorir**, da Ebal, mesmo sem qualquer interesse por revistas de colorir. Uma vez com alguns números, veio a tentação de completar a coleção. Os números 1 (**Super-Heróis**), 3 (**Tarzan**), 4 (**Super-Homem**) e 5 (**Batman e Robin**) foram encontrados facilmente e estão sempre em oferta. Mas nunca encontrava o nº 2. Pelos anúncios da coleção em revistas da Ebal dava para saber o título desse número 2: **Reis do Faroeste**. Só recentemente consegui adquirir esse número de um colecionador, digamos, eufórico. Ou seja, o exemplar não era mais em preto e branco. E também descobri nos anúncios que havia um outro exemplar de nº 2, chamado **Tri-Campeão: Brasil**, publicado depois. Ora, por que lançar outra revista com o mesmo número de uma já existente. E pelo anúncio se vê que ela foi colocada substituindo a **Reis do Faroeste**. Não seria mais fácil simplesmente continuar a numeração da coleção?



Por falar em continuar a numeração da coleção, outro anúncio em outras revistas mostraram que a Ebal pretendeu continuar a coleção anunciando o nº 6 com o **Fantasma**. Mas aí vem a dúvida. Embora anunciada, será que esta edição foi mesmo publicada? O site GuiaEbal mostra essa capa como sendo o volume 6 da coleção, mas não a mostra colorida e com boa resolução. Ou seja, não foi escaneada de uma revista real. A imagem é em preto e branco e de baixa resolução, como se escaneada de um anúncio publicado numa revista qualquer da Ebal. Como eu fiz logo aí abaixo. O Fantasma era um personagem cujos direitos de publicação de revistas de quadrinhos pertencia à RGE. Mas a RGE não tinha os direitos do personagem para qualquer tipo de publicação. O direito para publicar Fantasma em álbuns e livros era, pelo menos durante algum tempo, da Ebal. Tanto que publicou uma coleção, **Álbum do Fantasma**, com 5 volumes, entre 1979 e 1980. E tinha os direitos para publicar o livro com capa dura **Fantasma – Casamento e Lua-de-Mel**, mas cedeu os direitos para que a RGE o publicasse. Talvez a Ebal achasse que tinha os direitos para álbuns de colorir com o personagem Fantasma. Produziu, anunciou e, em algum momento, viu que a realidade era outra. Tudo isso é só conjectura minha. Quem tiver essa edição, pode me desmentir, mas mande muitas fotos, que eu sou desconfiado de tudo.



MANTENDO CONTATO



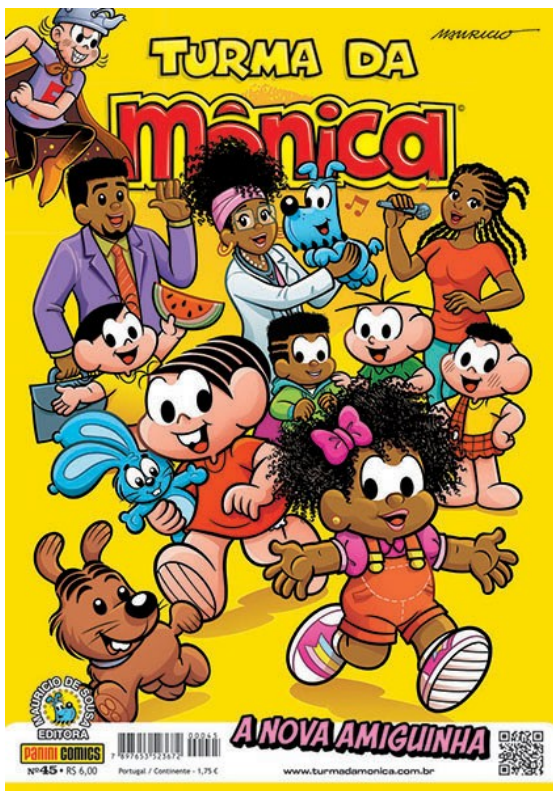
ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

MILENA, A NOVA PERSONAGEM PRINCIPAL DOS ESTÚDIOS MAURÍCIO DE SOUSA

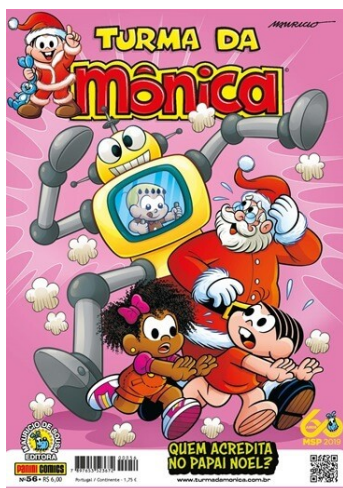
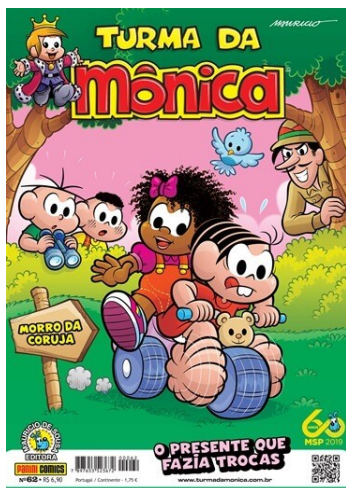
No universo dos personagens dos Estúdios Mauricio de Sousa, existem dezenas de personagens desde a quadra principal, Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, passando pelas turmas do Chico Bento, Penadinho, da Mata, Astronauta, Bidu, a turma do Rolo e da Tina, a turma do Horácio, Piteco e muitos personagens secundários e alguns figurantes eternos. Nos últimos anos foi implementada uma política de inclusão de personagens pontuais com deficiências físicas, numa tentativa de aproximar novos públicos e, talvez, mostrar um mundo mais inclusivo para leitores de necessidades especiais. Assim surgiram Luca, um cadeirante, André, autista, e Dorinha, deficiente visual.

Mais recentemente surgiu, em janeiro de 2019, uma personagem negra chamada Milena. Nova moradora do bairro do Limoeiro, ela gosta de rap, skate, tem o cabelo afro, a mãe é veterinária, o pai executivo, o irmão menor, Binho, jogador de RPG, e a irmã, Sol, adolescente que toca violão.

Em pouco tempo virou o quinto elemento da quadra principal e é frequente em capas e em HQs como personagem principal das mesmas. Uma constatação da mudança foi a minissérie **Turma da Mônica Geração 12**, onde foi criado um novo universo ao estilo mangá pré-adolescente. Ambientados com 12 anos de idade, estudando no Instituto Astro de Exploração Espacial, os personagens mais destacados são cinco. Milena é uma das principais, inclusive presente em três das seis capas da série. Em algumas HQs da série normal, Milena substitui até a Magali como companheira de brincadeiras da Mônica.



O fato de os personagens negros sempre serem coadjuvantes no Universo MSP parece ter incomodado a direção dos estúdios e o surgimento de Milena parece uma compensação histórica ou um investimento num público que poderia estar sendo negligenciado. O fato da personagem, hoje, ser uma das principais das HQs, mesmo tendo sido criada há pouco mais de dois anos, levanta alguma discussão de oportunidade.



Quanto de processo comercial à elevação de Milena em personagem principal foi considerado? Afinal, como uma empresa moderna, a MSP tem suas pesquisas de mercado e de aproximação com os leitores e Milena parece responder positivamente às expectativas comerciais. É de se esperar a resposta nos departamentos de licenciamento de produtos para se ter uma resposta mais apurada. Mas Milena foi criada com alguns objetivos específicos, não somente como uma inspiração artística ingênua.

O tempo dirá se Milena permanecerá no time principal ou vai estacionar no mundo dos personagens secundários.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

AVISO AOS NAVEGANTES!

A renovação anual de minha Caixa Postal, nesse mês de fevereiro, teve uma alteração. Como o interesse pelas caixas postais na Agência Central da cidade de São Paulo tem diminuído, a administração restringiu a quantidade disponível para 595 unidades. Como a minha numeração era 675, tive que escolher outro número. Assim, a partir de agora meu endereço será o seguinte:

Worney Almeida de Souza
Caixa Postal 63 – São Paulo – SP – 01031-970

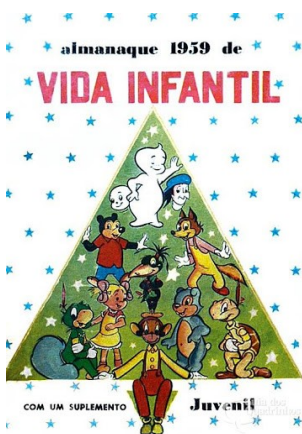
O curioso é que minha numeração era 3278 nos anos 1980. Depois houve uma reestruturação do local das caixas postais e mudei para 675, em setembro de 1990. O equipamento está cada vez menos sendo utilizado e o final deve estar próximo! É uma pena, mas com a possível privatização muitas mudanças devem acontecer com os Correios. Infelizmente!

ALMANAQUES GRÁFICA VIDA DOMÉSTICA

Lio Guerra Bocorny

Sem dúvida alguma foram os mais belos Almanques publicados no Brasil. Além da esmerada encadernação, no formato 24x33cm, apresentavam em 140 páginas, papel de alta qualidade, com belas gravuras coloridas ou preto e branco, com matéria selecionada e úteis ensinamentos.

Os **Almanques de Vida Infantil** foram os primeiros publicados, o de 1949 circulou em dezembro de 1948, com uma tiragem de 40 mil exemplares. Metade do Almanque era em quadrinhos e o restante apresentava interessantes textos, variedades selecionadas e algumas propagandas.



O **Almanque de Vida Infantil** perdurou até 1959, aparecendo sempre nos meses de dezembro, vindo acondicionado em um envelope que também continha duas seções apenas que não podiam ser vendidas em separado, em geral um presépio e um jogo cartelado com cores bem chamativas, que encantava a gurizada.

Com o sucesso do **Almanque de Vida Infantil**, a revista irmã, **Vida Juvenil**, teve seu Almanque de estreia no ano seguinte, de 1950, e manteve a frequência até 1958, totalizando nove belos Almanques. Essa versão juvenil também manteve a tradição do envelope com conteúdo similar, um jogo e um presépio.

Lourolino, Gasparzinho, Bilu, Plácido e Muzo, Lico e Xilico, entre muitos.

Já a versão juvenil apresentava em sua maioria histórias em quadrinhos longas e baseadas em histórias clássicas ou reais, havendo entretanto os personagens inesquecíveis como o Falcão Negro e sua esquadrilha aérea, o C.B. (Charles Biro) e nos últimos números, ou anos, Jim Gordon.

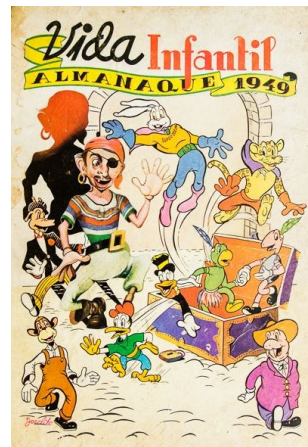


Os personagens eram praticamente os mesmos, todos os anos, heróis já conhecidos das revistas de mesmo nome que saíam mensalmente e em determinados períodos editadas quinzenalmente. Lembramos de Pituca,

O derradeiro Almanque, o de 1959, já não tinha o mesmo charme dos demais, a encadernação foi bem mais simples, cartonada, e apresentou um suplemento juvenil em substituição ao **Almanque de Vida Juvenil**, e além disso reduziu o número de páginas para 120, mantendo entretanto o envelope, que naquele ano trouxe um presépio para armar e o jogo instrutivo 'Viagem Através do Brasil'.

Os Almanques tiveram como origem as revistas de mesmo nome. **Vida Infantil** surgiu em novembro de 1947 e sobreviveu até julho de 1960, quando apareceu seu número 219. Já **Vida Juvenil** apareceu no ano de 1949 e teve seu último número, o 189, em julho de 1959.

Essa saudosa Editora publicou por muitos anos a revista feminina **A Cigarra** e por alguns anos uma interessante revista que apresentava leitura condensada e tinha o título de **Coletânea**.



FUÇANDO À TOA

Este quadrinho foi publicado no livro lançado recentemente pela editora Salvat, o volume 55 da **Coleção Tex Gold**, com a história *O Longo Braço da Lei*, com desenhos de José Ortiz. Na cena, Tex está chegando à delegacia da cidade e desmontando de seu cavalo. Mas olhem só qual perna está no estribo. Será que Tex veio montado virado para trás?

Olhando minha coleção de revistas da Ebal, procurando outras coisas, reparei nessa capa da revista **Super-X** nº 17, de janeiro de 1969, com os super-heróis Príncipe Submarino e Incrível Hulk. Na capa, o Surfista Prateado e o interessante é o nome



que a Ebal deu a ele, “O Acrobata do Cosmo”. O Surfista já havia aparecido na última página do número anterior, de dezembro de 1968, e se apresentou como “Homem de Prata”. E com a chamada: “Duelo empolgante entre o desconhecido e Hulk no próximo número”. Essa aparição do Surfista foi numa história do Hulk, e não foi a estreia do personagem nos EUA, onde apareceu em aventuras do Quarteto Fantástico, como o arauto de Galactus. Mas parece ser a estreia no Brasil. Pouco depois, ainda em 1969, a GEP – Gráfica Editora Penteadado publicou o personagem em revista própria (ainda que esporádica e com numeração confusa dentro da coleção Edições GEP) com o nome Surfista Prateado. Por que a Ebal não fez a tradução literal do nome Silver Surfer? Será que no final de 1968 a GEP já havia registrado o nome Surfista Prateado como nome de revista? E por que a própria Ebal mudou o nome dado ao personagem entre um número da revista e o seguinte? Quem sabe o que se passa numa redação de revistas de Histórias em Quadrinhos!

Lendo um artigo de Jorge Magalhães sobre revistas de quadrinhos de Ficção Científica publicadas em Portugal, deparei-me com uma informação inusitada. A de que havia sido publicada na revista **Seleções de Mundo de Aventuras** uma história de FC feita por autor brasileiro. E um nome totalmente desconhecido para mim. Tentei obter a revista e consegui. Trata-se do nº 121 de **Seleções de Mundo de Aventuras**, com data de 10/4/1971, um número chamado “Especial da Páscoa” com 88 páginas, mais do que o usual. A história se chama *Kosmon, O Rei do Espaço Cósmico*, e é de autoria de Newton F. Coutinho, apresentado como um desenhador brasileiro que pela primeira vez trabalha para Portugal. Não tenho



nenhuma informação sobre este autor e nunca vi trabalho dele publicado no Brasil. Tem um desenho muito acima da média e grande capacidade de trabalho, pois esta HQ tem o de Dan Barry em seu início com mais atenção aos detalhes técnicos e maior verossimilhança, quanto o de Alex Raymond, mais fantasioso, com monstros e seres de outro planeta. Mas tanto a temática quanto o traço do desenho também remete às histórias de Ficção Científica inglesas bastante publicadas no Brasil, principalmente em **Misterinho** da Ebal. A história é muito irregular, segue muitos clichês como a existência de um planeta do outro lado da lua ou a presença de um tirano tentando dominar o planeta e o universo. Há bons momentos na história, mas também algumas passagens bem constrangedoras. Não deixa, no entanto, de ser um trabalho a ser visto e conhecido, de um artista que aparentemente não seguiu a carreira de quadrinhista. A ilustração da capa não tem assinatura, mas é provável que seja de algum artista da editora.



ALGUMAS IMPLICAÇÕES EM ROLANDO DUQUE – ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Antonio Jorge

Lendo, ou melhor dizendo, estudando o conteúdo do **QI** 129, disponibilizado abnegadamente em acervo no site Marca de Fantasia para os, digamos, interessados em entretenimento consistente e pesquisa competente, me deparei à página 25 com o seguinte título: “Lançamento”.

Tal título era sobre o lançamento do romance gráfico **Rolando Duque – assistência técnica**.

Um colega de trabalho, que produzia e vendia um fanzine (por sinal, de qualidade bem duvidosa, digo, péssima), me fazia – em compensação – a gentileza de me ceder alguns exemplares impressos do **QI** que ele tinha, toda vez que eu adquiria dele o referido fanzine.

Comparando o **Quadrinhos Independentes** com o fanzine que o cara produzia, percebia-se que o **QI** era como um instrumento finamente calibrado, com toda aquela plêiade de notações primorosas que habilmente trazia, digo, traz. E confesso que eu só adquiria as, digamos, tranqueiras que meu colega editava, com a única intenção de receber outros números antigos do **QI** de brinde – coisa que invariavelmente ocorria.

Ocorre também que de incidentes como este se pode constatar que nem todos têm o necessário talento pra determinadas coisas – mas se deixam dominar pelas ingênuas pretensões que lhes alavancam miseravelmente a vaidade. E aqui resulta um sério – talvez seríssimo – problema; pois esses aspirantes (que sempre existem num número assustadoramente elevado), além de não conseguirem passar dessa condição, acabam causando um estrago realmente severo para a imagem de tudo aquilo em que, digamos, se intrometem. Vide apenas o caso da poesia, por exemplo, que intrinsecamente possui todos os elementos para ser uma expressão elevada de Arte, mas que acaba ficando relegada a uma categoria muito aquém do que poderia representar por causa da incontável legião de deslumbrados que, em todas as partes, resolvem se intrometer com esse assunto – o qual vexatoriamente foge-lhes da alçada. E a melhor prova disto está nos próprios resultados apresentados, os quais comumente descambam para um mero malabarismo verborrágico. Nestes casos, a construção e o encadeamento daquilo que se propunha a ser um trabalho de poesia já nasce corrompido, simplesmente por se fixar no apelo aos resíduos de imaturidade emocional que a maioria de nós não foi capaz de transcender (a começar pelos próprios “poetas”).

Portanto, é precisamente nessa lamentável injunção que se orienta tudo aquilo que fica sendo rotulado como poesia.

Mas, desde que acabou sendo proposto e acordado desatrelar a composição poética de quaisquer pragmatismos, isentando-a assim do dever de transmitir algum tipo de mensagem moral, educacional ou intelectual ao leitor (coisa da qual Edgar Allan POE foi um exPOente OPOSitor), concedeu-se aos “POETas” o salvo conduto para escreverem todo tipo de sandices (cujo teor tem menos valor do que o joguinho de palavras que acabei de fazer a partir do nome “Poe”). Permitiu-se, então, um tipo de vale-tudo no qual a própria poesia é que acabou se dando mal.

E pra finalizar a ironia, lembremos que o didatismo é uma das principais características presentes em toda a obra do autor de um dos livros mais traduzidos do mundo: Daniel DeFOE.

Do acima exposto, pode-se deduzir que a perspectiva muito provável de não se aprender quase nada na leitura de uma poesia convencional é algo que também representa um dos principais fatores para o desinteresse demonstrado por esse gênero de arte – já que ninguém gosta de “perder tempo com coisas que lhes pareçam inúteis”.

Portanto, quando não somos suficientemente capazes de produzir algo com a devida qualidade, poder-se-ia dizer tratar-se de um infortúnio; mas, sermos igualmente incapazes de perceber a qualidade de algo que foi produzido com todos os méritos, torna-se então um verdadeiro desastre.

O motivo pra discorrer sobre tais digressões é decorrente do fato de que em alguns dos números antigos do **QI** recebidos do meu colega como descarte, digo, de “brinde”, me deparei com o que seriam fragmentos de uma HQ cujo nome eu não conhecia, mas cujo conteúdo me deixava muito intrigado, devido a eu ter sacado logo que se tratava de um material de altíssima qualidade – tanto pela arte quanto pelos argumentos e o roteiro. Uma excelência de sofisticação!!!

Consequentemente, fiquei fã daquilo imediatamente. Porém, só fui descobrir o nome da misteriosa HQ que vinha encartada nos **QIs** lá pelas tantas – após várias e frustradas buscas na internet por pistas sobre aquela obra. Descobri muito posteriormente que se tratava então da HQ *Rolando Duque – assistência técnica*. Até o título ressoava cult!!!

Encontrado finalmente o nome daquela obra, sem mais delongas procurei entrar em contato com o autor (que era você mesmo) pra saber da possibilidade de adquirir a intrigante produção e poder ter tudo na íntegra (tinha lido no máximo o conteúdo que encontrei em três exemplares do **QI**). E foi o que fiz.

Recebida a obra – devidamente autografada pelo criador do inquieto Poeta Vital –, fiquei mega contente. Na verdade, estou contente até hoje!

Mas, ao ler, digo, perscrutar atentamente o referido artigo publicado no **QI** 129, fiquei sabendo que o *Rolando Duque – assistência técnica* levou oito anos para ser produzido (!!!).



Além disso, havia a informação de que se tratava de um material não muito bem recebido pelos leitores (???) , e que, apesar da falta de receptividade, o seu autor fez questão de concluir o trabalho da forma como originalmente concebido. E, mais ainda: apresentar a obra numa edição própria, em tiragem limitadíssima.

Embora o artigo fizesse um comparativo do que representou tal limitação na tiragem, pode-se também especular que seria assim uma edição tão limitada quanto, digamos, a sensibilidade estética dos suídeos diante de uma gravura feita por Escher. E usando o caso dos suídeos, poderíamos especular ainda que, embora possuidores de certo grau de inteligência (cientificamente comprovada), a inclinação peculiar deles por porcaria talvez acabe eclipsando seus QIs (com o perdão do trocadilho).

Mas voilá!!! Parece que a HQ em questão, apesar de suas evidentes qualidades, só consegue interessar a singulares espíritos – aqueles um tanto quanto, digamos, capacitados para perceber e apreciar o valor de determinadas pérolas na vida.

Por outro lado, para aqueles afeitos ao lugar comum de um “cotidiano pouco alterado” não haveria nada demais em certas realizações além de uma enorme e tediosa... chatice.

Mas, voilá outra vez!!! Provavelmente, escapam-se-lhes alguns detalhes primordiais!!!

Assim, embora Edgar Allan Poe possa ser questionado por sua oposição ao didatismo, merece ser também reverenciado por ter escrito que “trabalhos com significados óbvios deixam de ser arte”. Infelizmente, porém, até mesmo um tal argumento lúcido pode representar mais uma armadilha, posto que pode servir como justificativa para legitimar certas “obras de arte” – como as pinturas desprovidas de qualquer caráter óbvio que foram produzidas por De Kooning a título de... expressionismo abstrato (um eufemismo para meros borrões que, como as nuvens no céu, supostamente sugerem algo de concreto a um observador suscetível, que não distingue a forma e nem o conteúdo).

Rolando Duque – assistência técnica é o típico caso em que somente o mero fato de ter demorado tanto para ser produzido se enquadraria naquilo que poderia ser definido como “fonte de prazer nirvânico”. Algo que Andy Warhol resumiu quando ele dizia que gostava de coisas tediosas. É que, por tais circunstâncias (ou seja, o tédio na forma, mas não no conteúdo), cria-se um estado peculiar no indivíduo, que seria equivalente ao nirvana das religiões indianas. Como isso, entretanto, não está acessível à experimentação de qualquer um, somente quem, digamos, “pode sentir” é que compreende o valor presente em determinadas situações ou realizações – como o inerente ao já mencionado romance gráfico, um supra-sumo do prazer espiritual em seus variados aspectos!

Esse apelo ao sentir é o que se afigura como premissa no filme mudo **Empire**, do próprio Andy Wahrol. Um filme completamente NÃO-DIDÁTICO em todas as suas 8h e 5 min de duração, e que consiste apenas na imagem (em câmara lenta) de uma mesma vista do prédio Empire State, enquanto o tempo passa – mais devagar do que na vida real.

E Wahrol afirmou que o objetivo do filme era, justamente, “ver o tempo passar”. Surge então uma questão: Poe sustentaria a sua tese de “Arte pela Arte” (que ele ajudou a iniciar) caso assistisse a esse filme de Wahrol???


Dizendo então agora que tenho a impressão bem fundamentada de possuir uma preciosidade em mãos, disponho de elemento suficiente para discorrer sobre outra obra de sua autoria.

Ju & Jigá já tive a satisfação de obter também (pela Marca de Fantasia) – tirinhas onde a espontânea graça do universo infantil sempre aparece pra surpreender as convicções cristalizadas daqueles que já se metamorfosearam em adultos.

Pra minha sorte, você anda dispunha de exemplares do **Rolando Duque – assistência técnica** e **Algumas Leituras de Príncipe Valente** à venda na ocasião em que entrei em contato. Quanto ao **Mundo Feliz**, não tive até o momento a oportunidade de conhecer. **Cotidiano Alterado** é outro grande trabalho de sua autoria, com suas próprias interpolações em meio a um compêndio de obras clássicas.

Resumindo, o seu legado, Edgard, está representado por várias preciosidades cujo conteúdo torna todas elas algo bastante raro num ambiente de publicações quadrinhísticas que se tornou saturado de mediocridades.

E pensar que nas minhas compras de fanzines medíocres apenas pra poder receber o **QI** de brinde, eu achava que esta havia sido a sua única Magnum Opus!!!



Lançamento Dezembro/2020
Hoje na Live de Segunda
às 20h no Instagram
@tchezine

Peryc 04
Revista com Hqs de meu
personagem.

Aguardo vocês!



Lançamento Dezembro/2020
Hoje na Live de Segunda
às 20h no Instagram
@tchezine

Fanzine Tchê 44
Zine de quadrinhos
e afins.

Aguardo vocês!

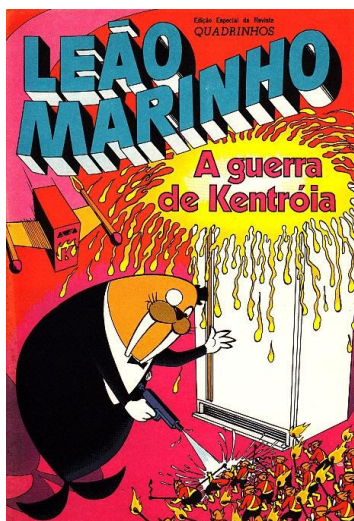
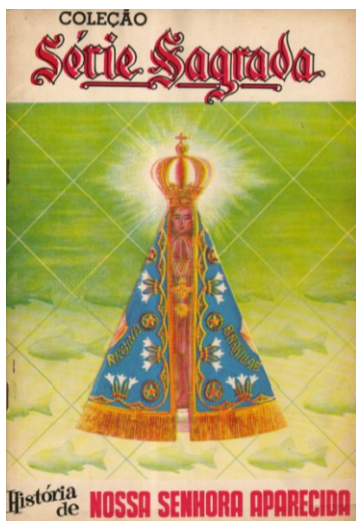


OLHAÍ AS DO EUZÉBIO!

No número anterior lancei o desafio ao leitor para ver quem conhecia alguma HQ de Antônio Euzébio publicada pela Ebal. Na *Conversa do Redator* publicada no nº 6 da revista **Poderoso Especial** (dezembro/1972), entre um elogio e outro às capas do desenhista para a Ebal, o Redator emendou: “Antônio Euzébio, certa vez, resolveu desenhar histórias-em-quadrinhos – e ilustrou uma **Série Sagrada**, a que conta a história de Nossa Senhora Aparecida; um primor de desenho, uma gostosura de traço, uma maravilha de páginas saídas do pincel do Euzébio.”

Está aí a resposta. Antônio Euzébio fez, segundo se pôde entender, por iniciativa dele, a *História de Nossa Senhora Aparecida*, publicada no nº 22 da revista **Série Sagrada**, em junho de 1955. Depois, a **Série Sagrada** teve uma reedição entre final da década de 1960 e início de 1970, com 24 números, sendo a *História de Nossa Senhora Aparecida* republicada no nº 2.

Mas a história não acaba aí. A Ebal, durante sua existência, fez várias edições sob encomenda, às vezes para lojas, às vezes para instituições, as famosas revistas com os heróis Marvel feitas para os Postos Shell, e até um suplemento em quadrinhos para jornal. De modo geral, usava material pronto, que ela já havia publicado em suas revistas. Mas também usava material inédito, feito exclusivamente para as edições. As duas capas mostradas abaixo receberam até o nome **Edição Especial da Revista Quadrinhos**, como se fosse uma publicação da Ebal, mas na verdade foram feitas sob encomenda para a Indústria de Refrigeração Consul. A primeira, **Leão Marinho – A Guerra de Kentróia**, foi publicada em 1970 e no expediente diz que toda a criação e produção do material foi feita pela JP&S Assessoria, na certa uma agência de propaganda. A segunda, **Leão Marinho – Super Consul contra os Agentes do M.I.C.O.F.**, saiu em 1972 com produção da mesma JP&S. Nessa segunda, no entanto, há o crédito dos autores, texto de Fernando José e desenhos de Antonio Euzébio. Embora na primeira edição não haja crédito do desenhista, certamente é trabalho de Antonio Euzébio, pois tem o mesmo estilo e qualidade da segunda. E são dois trabalhos de muito boa qualidade artística, com Euzébio trabalhando num estilo muito diferente do que o consagrou nas capas da Ebal. Aparentemente, Antonio Euzébio não fez outras incursões pela senda dos Quadrinhos, mas... quem sabe?



HORROR AO VÁCUO

Em 2008, comecei a organizar, em parceria com minha mãe, Isa de Faria Guimarães, um livro dedicado aos Escritores de Brazópolis, que teve justamente, e não por acaso, este título. O livro teve 6 capítulos, cada um começando com uma folha de rosto, em página ímpar, com o número do capítulo e seu nome. O corpo do capítulo começava na página ímpar seguinte, o que deixou a questão de o que fazer com a página par anterior, o verso da página de rosto. Sempre considerei incompetência do editor ou editora fazer um livro com páginas em branco. Não é raro livros trazerem várias páginas em branco no final. Como o livro é composto de cadernos (digamos, de 16 páginas cada), poderia ocorrer de o texto do livro acabar justamente na primeira página de um caderno, ficando as 15 restantes sobrando. Ora, quem faça a diagramação do livro que dê um jeito de espalhar o conteúdo do livro num número inteiro de cadernos, sem sobra de folhas em branco. Assim, com esse pensamento, não iria deixar as páginas de rosto dos capítulos do livro **Escritores de Brazópolis** com o verso em branco. Decidi colocar ilustrações minhas que retratassem locais de Brazópolis. Três ilustrações eu já tinha prontas, feitas por outros motivos. Aí tive que fazer mais três inéditas, para esse fim. Duas delas já foram usadas como capas de QIs anteriores. Agora uso a outra como contracapa.

